



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E TECNOLOGIA
LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**O DESFECHO DA CAMPANHA ASSÍRIA CONTRA JERUSALÉM (701 A.C.): UM
ESTUDO SOBRE AS QUATRO FONTES HISTÓRICAS POSSÍVEIS E SUAS
PERSPECTIVAS**

JOSÉ RAIMUNDO NETO

RECIFE

2021

JOSÉ RAIMUNDO NETO

**O DESFECHO DA CAMPANHA ASSÍRIA CONTRA JERUSALÉM (701 A.C.): UM
ESTUDO SOBRE AS QUATRO FONTES HISTÓRICAS POSSÍVEIS E SUAS
PERSPECTIVAS**

Trabalho de Conclusão de Curso (monografia) apresentado a Universidade Federal Rural de Pernambuco – UAEADTec, no curso de Licenciatura Plena em História, como pré-requisito para a aprovação na disciplina Monografia.

Orientação: Prof. Dr. Leandro Nascimento de Souza

RECIFE

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

-
- N469d Neto, José Raimundo
 O desfecho da campanha Assíria contra Jerusalém (701 a.C.): Um estudo sobre as quatro fontes históricas possíveis e suas perspectivas / José Raimundo Neto. - 2021.
 73 f. : il.
- Orientador: Leandro Nascimento de Souza.
 Inclui referências.
- Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Licenciatura em História, Recife, 2022.
1. Análise das Fontes. 2. Cerco de Jerusalém. 3. Contexto Histórico. 4. Linhas Teóricas. 5. Senaqueribe. I. Souza, Leandro Nascimento de, orient. II. Título

FICHA DE APROVAÇÃO:

**O DESFECHO DA CAMPANHA ASSÍRIA CONTRA JERUSALÉM (701 A.C.): UM
ESTUDO SOBRE AS QUATRO FONTES HISTÓRICAS POSSÍVEIS E SUAS
PERSPECTIVAS**

A comissão avaliadora composta pelos professores a baixo listados considera o aluno **JOSÉ RAIMUNDO NETO: APROVADO.**

Banca Examinadora:

Orientador: Prof. Dr. Leandro Nascimento de Souza.

Prof. Dr. Renato Pinto

Prof. Dr. José Bezerra de Brito Neto

Recife 03/08/2021

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - SOCIEDADES MESOPOTÂMICAS	10
FIGURA 2 - CARRUAGEM DE GUERRA ASSÍRIA	12
FIGURA 3 - EXPANSIONISMO MILITAR DO IMPÉRIO ASSÍRIO	13
FIGURA 4 - CAMPANHAS MILITARES DE TIGLATE-PILISER III (SÉCULO VIII A.C.)	18
FIGURA 5 - JERUSALÉM ANTES DAS REFORMAS URBANAS DE EZEQUIAS (SÉCULO VIII A.C.).....	19
FIGURA 6 - JERUSALÉM APÓS AS REFORMAS URBANAS DE EZEQUIAS (SÉCULO VIII A.C.)	20
FIGURA 7 - TÚNEL DE EZEQUIAS	22
FIGURA 8 - ALTO-RELEVO: EMPALAMENTO ASSÍRIO CONTRA A POPULAÇÃO CAPTURADA DE LÁQUIS.....	24
FIGURA 9 - PONTAS DE FLECHAS DOS ASSÍRIOS ENCONTRADAS NO SÍTIO DE LÁQUIS.....	25
FIGURA 10 - PEDRAS UTILIZADAS POR FUNDEIROS QUE DEFENDIAM A CIDADE DE LÁQUIS	25
FIGURA 11 - CIDADE DE LÁQUIS E SUAS ESTRURAS DEFENSIVAS	26
FIGURA 12 - ANAIS DE SENAQUERIBE: PRISMA DO INSTITUTO ORIENTAL	30
FIGURA 13 - ANAIS DE SENAQUERIBE: PRISMA DE JERUSALÉM	42
FIGURA 14 - ANAIS DE SENAQUERIBE: PRISMA DE TAYLOR	43
FIGURA 15 - ANAIS DE SENAQUERIBE: PRISMA DO INSTITUTO ORIENTAL	43

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1 CONTEXTO HISTÓRICO DA ASSÍRIA E SEUS VIZINHOS (745-701 A.C.)	10
1.1 EXPANSÃO DO IMPÉRIO ASSÍRIO (745-705 A.C.).....	10
1.2 A ASCENSÃO DE SENAQUERIBE E SUAS PRIMEIRAS EXPEDIÇÕES MILITARES (705-701 A.C.).....	15
1.3 O REINO DE JUDÁ DURANTE O GOVERNO DE EZEQUIAS (716-697 A.C.).....	17
1.4 DEVASTAÇÃO DO REINO DE JUDÁ E CERCO DE JERUSALÉM (701 A.C.)	24
2 REVISÃO DAS FONTES: UM ESTUDO DAS PRINCIPAIS GERAÇÕES DE PESQUISADORES E SUAS INFLUÊNCIAS	29
2.1 PRIMEIRA GERAÇÃO: (1851- 1967): VESTÍGIOS DE CONFIRMAÇÃO DA VITÓRIA DOS ASSÍRIOS SOBRE O REINO DE JUDÁ	29
2.2 SEGUNDA GERAÇÃO (1924-2003): REVISIONISMO DO ATAQUE ASSÍRIO A JERUSALÉM E A POSSIBILIDADE DE UMA DERROTA	34
2.3. TERCEIRA GERAÇÃO (2008-2021): OUTROS MOTIVOS PARA O LEVANTAMENTO DO CERCO	38
3 UMA ANÁLISE DAS FONTES EMPÍRICAS: CONTEXTO E CONSTRUÇÃO HISTÓRICA	41
3.1 PRISMA DE SENAQUERIBE (VERSÃO DO PRISMA DO INSTITUTO ORIENTAL, 689 A.C.)	41
3.2 FONTES BÍBLICAS: LIVROS DE II REIS E II CRÔNICAS (VERSÃO KING JAMES FIEL, 1611)	46
3.3. HISTÓRIAS, VOLUME II (VERSÃO DE HERÓDOTO, 440-430 A.C.).....	56
3.4 ANTIGUIDADES JUDAICAS (VERSÃO DE FLÁVIO JOSEFO, 93-94 D.C.)	58
3.5 AS PERSPECTIVAS DAS FONTES EMPÍRICAS SOBRE O DESFECHO DO ATAQUE ASSÍRIO A CIDADE DE JERUSALÉM (701 A.C.).....	62
CONCLUSÕES	66
REFERÊNCIAS	68

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa busca compreender o repentino fim do cerco assírio à cidade de Jerusalém, ocorrido no ano 701 a.C.. Tendo por base a construção de uma narrativa investigativa desenvolvida a partir de uma análise das fontes disponíveis que tratam desse fato, complementando essa investigação com uma discussão baseada nos principais autores que trabalharam essa temática.

O interesse nessa temática surgiu a partir da necessidade de compreensão sobre o porque as quatro fontes, que registraram esse acontecimento, possuem versões tão diferentes acerca do que levou a finalização da campanha punitiva do rei assírio Senaqueribe contra o rei hebreu Ezequias. Sendo que os documentos disponíveis concordam com as causas, início e desenvolvimento da expedição, havendo apenas divergências entre elas em relação ao término desse empreendimento militar.

No primeiro capítulo foi abordado o contexto histórico que serve de base para essa pesquisa e sua investigação. O recorte temporal desse trabalho aborda um período conturbado da história do Antigo Oriente Próximo, nomenclatura utilizada pela historiografia moderna para abordar os acontecimentos ocorridos no passado da região dos atuais Oriente Médio e Egito. Pois com a inesperada morte do imperador assírio Sargão II (705 a.C.), enfrentando os povos urartianos nas estepes das Montanhas do Cáucaso (próximo a região que corresponde atualmente aos territórios do Irã, Armênia, Azerbaijão e Turquia), levou o Império Assírio a uma crise sucessória que gerou uma série de problemas na administração do império. Sendo que tais problemas de sucessão foram apenas resolvidos com a ascensão de Senaqueribe ao trono, o filho mais jovem de Sargão II.

O vácuo de poder criado por causa dos problemas de sucessão gerou o surgimento de diversas revoltas nas províncias imperiais e nos Estados fronteiriços que pagavam tributos aos monarcas assírios. Dentre elas se destacaram os movimentos de independência da Babilônia e dos Estados Neo-Hititas, na atual Síria, e o não pagamento de tributos por parte das cidades-Estado da Fenícia e Filístia e dos Reinos do Elam e de Judá. Além disso, houve uma agressiva mobilização militar dos exércitos egípcios na fronteira do império, em uma área próxima da Península do Sinai.

Desse modo, Senaqueribe realizou diversas campanhas punitivas contra essas ameaças internas e externas, culminando no cerco assírio à cidade de Jerusalém e na sua precoce e ainda debatida retirada. Porém esse centro urbano não passou pelo processo de conquista, subjugação da sua população, saque dos bens materiais e econômicos e na deposição do

monarca rebelde, nesse caso do rei Ezequias de Judá. Sendo que tais ações, segundo Lester Grabbe (2003) e Daniel Luckenbill (1924), são entendidas como os meios padrões da administração imperial assíria para a finalização de movimentos rebeldes e de atos hostis contra o governo assírio. Porém, isso não ocorreu no caso do cerco à Jerusalém, tornando esse acontecimento incomum na história militar de cercos urbanos colocados em prática pelas forças assírias.

No segundo capítulo foi abordado as principais gerações de pesquisadores que estudaram esse fato histórico e as teorias mais aceitas, no mundo acadêmico, nesses cento e setenta anos de estudos realizados. Tentando compreender o desfecho do ataque assírio a Jerusalém, diversos autores se debruçaram sobre essa temática, desenvolvendo pesquisas e hipóteses, as quais se dividiram em três gerações de estudiosos. Na primeira geração se destacou a Teoria Stade-Childs (1967), criada por Brevard Childs a partir do aprimoramento das pesquisas realizadas por Bernhard Stade (1886). Utilizando-se de métodos comparativos entre o Prisma de Senaqueribe e os textos bíblicos, esses autores chegaram ao consenso de que essa campanha contra Jerusalém ocorreu e seu resultado foi uma vitória dos assírios.

A segunda geração trouxe novas perspectivas a partir de uma análise mais multidisciplinar, principalmente com a arqueologia, revelando que havia possibilidades, tanto documentais como estratigráficas, que mostravam vestígios de um recuo assírio no seu intento de conquistar Jerusalém através de um cerco. Os principais autores dessa geração foram Daniel Luckenbill (1924) e Lester Grabbe (2003). Luckenbill (1924), desenvolveu pesquisas refutando as ideias de Bernhard Stade (1886) e trazendo novas perspectivas. Enquanto que Grabbe (2003), utilizou a obra de Heródoto como uma terceira fonte independente do Prisma de Senaqueribe e dos textos bíblicos, na qual havia uma narrativa de que os assírios haviam sofrido uma derrota para as forças militares egípcias.

Na terceira geração de destacou a tese desenvolvida pelo pesquisador Paul Evans (2008), onde esse acadêmico confirma a teoria de recuo precoce do cerco dos assírios contra Jerusalém, desenvolvida pelos teóricos pertencentes a segunda geração. Sendo que Evans (2008), expressa na sua teoria que o principal fator responsável por esse inesperado recuo teria sido causado por alguma pestilência que havia pairado sobre o campo militar assírio, causando um caos na cadeia organizacional do exército, levando a necessidade de haver um rápido levantamento do cerco e um recuo estratégico das forças assírias.

No terceiro capítulo será exposto as quatro fontes utilizadas nessa produção científica, a saber, o Prisma de Senaqueribe produzido no século VII a.C., os livros bíblicos de II Reis e II Crônicas, com sua forma atual sendo datada de algum período do século VI a.C., o segundo

livro da obra “Histórias” de Heródoto de Halicarnasso, produzido no século V a.C., além da obra Antiquidades Judaicas de Flávio Josefo, escrita no final do século I d.C.. Deve ser ressaltado que cada um desses documentos foi construído a partir das particularidades e objetivos da cultura onde estavam inseridos. Desse modo, suas produções estão atreladas a diversos fatores como política, religião, memória e cultura.

Além disso, no final deste capítulo as fontes foram analisadas e tiveram suas informações comparadas com o objetivo de compreender as perspectivas e contribuições que cada um desses documentos traz em relação ao entendimento do que teria ocorrido no desfecho do cerco assírio a cidade de Jerusalém. Dessa forma, as fontes irão auxiliar sobre as possibilidades que levaram os assírios a realizarem o inesperado levantamento do cerco e o precoce recuo das suas forças armadas da capital do reino hebreu de Judá.

Em relação a metodologia utilizada para o desenvolvimento dessa pesquisa, ela se pautou em uma ampla pesquisa bibliográfica englobando autores temáticos e teóricos relacionados ao fato histórico abordado. Já na análise e no manejo das fontes, esse trabalho usou o método trabalhado por Carla Pinsky (2005) sobre fontes impressas. A autora foca na importância do pesquisador compreender a construção e circulação de um documento em um determinado meio sociocultural, de modo que qualquer registro é uma produção parcial, contendo ou omitindo diversas informações, além de favorecer o ponto de vista de um determinado grupo ou pessoa (PINSKY, 2005, p. 116-117).

Vale ressaltar que a temática estudada encontra-se inserida em um contexto belicista, no qual as fontes que narram possuem suas próprias particularidades. Segundo Cardoso e Vainfas (2012), quando o historiador trabalha com documentos relacionados a conflitos militares deve ter em mente que tais fontes são seletivas no seu conteúdo, possuindo um cuidado durante a sua produção. Pois há uma necessidade de informar determinados acontecimentos e omitir outros, buscando engrandecer as ações de determinado grupo ou personagem, enquanto trata de modo pejorativo outros componentes presentes no documento. Dessa maneira, cabe ao historiador ter um olhar crítico e cauteloso durante a sua investigação nesse tipo de fonte (CARDOSO; VAINFAS, 2012, p. 113-115).

Assim, na produção dessa pesquisa foi levado em consideração que algumas fontes se tratam de uma construção de propaganda política das ações de um determinado governo, como ocorre no Prisma de Senaqueribe. Outras fontes estão permeadas por características socioculturais de um povo, como acontece nos textos bíblicos e na obra de Flávio Josefo, que são documentos possuidores de uma narrativa muito influenciada por aspectos da própria cultura dos antigos hebreus, principalmente relacionada a religião. Enquanto que no registro

de Heródoto é possível perceber uma escrita voltada apenas a descrever as características de outros povos a partir do pensamento sociocultural helênico. Além disso, todas as fontes trabalhadas possuem uma narrativa muito influenciada por aspectos religiosos das suas respectivas culturas. Sendo que tal estilo de escrita, que mescla religião, política e sociedade, trata-se de uma característica comum encontrada nas narrativas do mundo antigo.

Assim, a problemática desse trabalho se encontra na tentativa de entender, a partir das fontes disponíveis e do diálogo entre os principais autores, o que teria acontecido para que os exércitos assírios levantassem o cerco, mobilizassem as tropas e regressassem de volta para a Alta Mesopotâmia, o seu território nacional e sede governamental e administrativa do império. Sendo que esse fato é considerado algo incomum na história dos registros assírios, pois os reinos que se rebelavam tinham suas principais cidades cercadas, principalmente a capital, a destruição e saque da sede administrativa do reino revoltoso, a escravização e deportação da sua população. No entanto isso não aconteceu com Jerusalém, a capital do Reino de Judá.

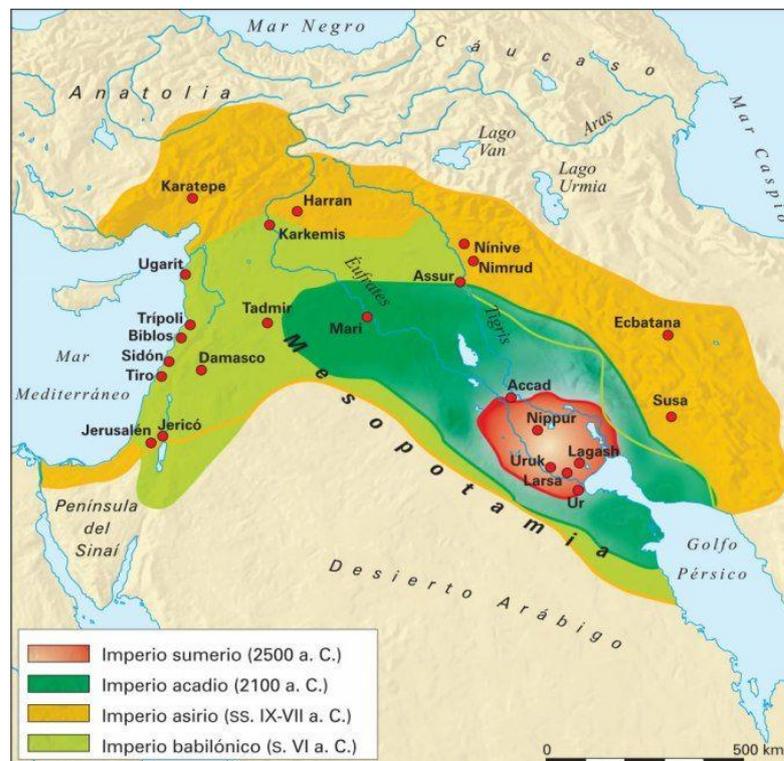
Desse modo, essa pesquisa historiográfica buscou trazer contribuições para o meio acadêmico sobre essa temática. Pois o tema abordado, o Antigo Oriente Próximo, não possui um amplo espaço nas instituições de ensino superior do país, principalmente por causa das demandas políticas, sociais e econômicas do tempo presente, as quais exigem uma maior concentração dos pesquisadores voltados a essas temáticas contemporâneas. Dessa forma, essa pesquisa servirá como mais uma fonte de informações sobre história antiga para pesquisadores e interessados que tenham vontade de conhecer um pouco mais do passado do Antigo Oriente Próximo (atual Oriente Médio). Além de levar ao campo acadêmico uma maior diversidade de conteúdos sobre as relações humanas no decorrer do tempo, auxiliando na compreensão das perspectivas existentes sobre esse tipo de assunto.

1 CONTEXTO HISTÓRICO DA ASSÍRIA E SEUS VIZINHOS (745-701 A.C.)

1.1 EXPANSÃO DO IMPÉRIO ASSÍRIO (745-705 A.C.)

Os assírios construíram um dos Estados mais influentes e extensos do Antigo Oriente Próximo¹ (seja no campo político, econômico, social, militar e cultural), juntamente com o acadiano, neobabilônico, medo e persa (fig. 1). Segundo Luckenbill (1924), os assírios partilhavam de uma cosmologia religiosa de predestinação divina, muito comum entre as sociedades que habitaram a Mesopotâmia. A partir da qual um povo era escolhido por uma determinada divindade, pertencente ao seu panteão cultural, para governar toda a humanidade, trazendo o equilíbrio cósmico. De acordo com esse pensamento, não poderia haver dois Estados com o mesmo poder e autoridade, pois isso causaria tensões entre eles (LUCKENBILL, 1924, p. 1-4).

Figura 1 - Sociedades mesopotâmicas



Fonte: SERRYN e BLASSELLE, 1996.

¹ "O Antigo Oriente Próximo trata-se de uma nomenclatura historiográfica desenvolvida no século XIX e utilizada para fazer menção ao território onde surgiram as sociedades anteriores ao período clássico, que correspondem atualmente a região do Oriente Médio e da moderna República Árabe do Egito. Reportando ao período que se estende desde as sociedades da Idade do Bronze (IV milênio a.C.) até a expansão persa no século VI a.C. LIVERINI, Mário. Antigo Oriente: história, sociedade e economia. São Paulo: EDUSP, 2016, p. 42).

De acordo com Bright (2003), igualmente aos demais povos mesopotâmicos, a sociedade assíria também possuía essa mesma visão de mundo. Segundo sua própria cosmovisão cultural, seu deus Assur² os havia escolhido como a nação que dominaria todos os povos e traria o equilíbrio para todo o planeta. Sendo o dever do povo assírio se esforçar o máximo possível para alcançar esse feito. Assim, havia toda uma construção ideológica baseada em predestinação religiosa e favoritismo divino, encabeçada e bastante difundida por seus líderes políticos e religiosos, com o objetivo de aumentar o apoio social aos projetos expansionistas assírios (BRIGHT, 2003, p. 27-29).

Assim, uma série de governantes militares que se sucederam durante os séculos IX e VIII a.C., começaram um amplo programa de reformulação das forças armadas assírias e militarização da sociedade, com destaque para os reis Salmaneser III (859-824) e Tiglate-Pileser III (745-727 a.C.). Esses monarcas desenvolveram novas táticas militares que envolviam métodos de cerco de cidades, melhoramento das estruturas das cadeias logísticas, de informações e de comandos. Além disso, eles buscaram assimilar e aprimorar inovações dos povos vizinhos, como no caso dos Hititas, provenientes da Península Anatólia e dos Hurritas, localizados na Alta Mesopotâmia, próximo a nascente dos rios Tigre e Eufrates (KRIWACZEK, 2010, p. 267).

A principal inovação tecnológica que os assírios assimilaram do Império Hitita foi o uso do ferro e seu manejo. Como matéria-prima, esse mineral possui uma maior resistência do que o bronze, servindo para a confecção de armas militares mais fortes e com um maior tempo de durabilidade, como lanças, espadas, pontas de flechas e carruagens de guerra. Além do domínio de novas técnicas de forja, como a utilização de fornos mais resistentes e possuidores de uma estrutura voltada a manter uma maior pressão térmica, acelerando o processo de derretimento e manuseio do ferro superaquecido (KRIWACZEK, 2010, p. 268-269).

Outro fator importante foi o uso da carruagem de guerra com espaço para três homens, uma inovação dos Hititas. Na qual, os baús das bigas e quadrigas eram mais largos e possuíam rodas com aros maiores, mais grossos e resistentes, acarretando em uma maior mobilidade das tropas e em um rápido deslocamento no campo de batalha (fig. 2). Sendo que essa nova carruagem de guerra teve sua eficiência constatada no enfrentamento entre as forças militares hititas e os egípcios, liderados pelo faraó Ramsés II, na Batalha de Kadesh, ocorrida

² Segundo Sitchin (1992), Assur foi a principal divindade do panteão religioso assírio. Sendo guardião da cidade de Assur, mais importante centro religioso assírio. Seus atributos incluíam ser o deus do sol e do equilíbrio cósmico universal, além da condução da guerra (SITCHIN, Zecharia. As Guerras de Deuses e Homens. Simon e Schuster, 1992, p. 31).

no século XIII a.C.. Na qual o uso desse novo veículo militar levou a montagem de uma rápida emboscada dos hititas, acarretando na destruição de um quarto das forças armadas egípcias (KRIWACZEK, 2010, p. 270). Assim, é possível perceber que os exércitos assírios passaram a dispor de meios militares bastante avançados e sofisticados para a época, os quais contribuíram o no seu projeto expansionista.

Figura 2 - Carruagem de guerra assíria



Fonte: RUSSELL, 1991, p. 206.

Já em relação aos Hurritas, os assírios assimilaram as suas inovadoras técnicas de criação, adestramento e cruzamento de cavalos. Pois esse povo das estepes mesopotâmicas possuíam uma grande reputação de grandes criadores de equinos e treinamento de cavaleiros. O principal legado dessa sociedade, nessa área, foi o registro de um oficial chamado Kikkuli. Como mestre de cavalos responsável pelo estábulo real, ele desenvolveu um manual de métodos de treinamento e cruzamento de espécies de equídeos, que geraria novos tipos de cavalos mais fortes e resistentes (KRIWACZEK, 2010, p. 270-271). Dessa forma, os assírios teriam animais mais adequados e aptos para os rigores exigidos nos campos de batalha.

quadros militares (divididos em pequenos grupos com especificações particulares), levou os assírios a criarem uma das máquinas militares mais eficazes do mundo antigo (SERRES, 2008, p. 176). “Várias gerações de imperadores haviam reformado as forças armadas assírias, transformando-as na primeira máquina de guerra verdadeiramente moderna, um modelo para todos os futuros exércitos” (KRIWACZEK, 2010, p. 305).

Apesar do seu poderio, as práticas violentas contra os povos vencidos faziam com que ocorressem constantes revoltas internas, com os povos dominados tentando sucessivas rebeliões para conseguir sua independência. Tais revoltas ocorriam com uma maior intensidade durante a sucessão do trono assírio e a subida de um novo governante, pois era um período de fragilidade política, ocasionado pela ascensão de um novo governante e do seu círculo social, os quais seriam responsáveis pela administração do império. Depois de subir ao trono, Sargão II teve que enfrentar dois eventos que marcariam longamente a estratégia assíria nas duas décadas finais do século VIII a.C.: as várias rebeliões da Babilônia e a influência do Egito no território da palestina (TLAKA, 2008, p. 83). Tanto a Babilônia como o Egito tentavam desde o século X a.C. desestabilizar o domínio assírio no Antigo Oriente Próximo.

Sendo que os babilônicos não mantinham uma completa submissão ao poderio assírio, já que possuíam maiores subsídios para organizar e manter uma resistência mais consistente e efetiva, principalmente no nível político, econômico e cultural. Além disso, eles haviam sido por muito tempo (desde o século XIX a.C.), o Estado dominante da região sul e central da planície mesopotâmica, tornando-se os principais rivais da Assíria, que ocupavam e administravam a região norte da Mesopotâmia.

Já em relação ao Egito, eles tentavam recuperar a sua influência na região do Levante, a muito perdida desde os faraós da XIX dinastia, no século XIII a.C. (TAKLA, 2008, p. 84-85). Assim esses dois poderes aproveitavam todas as oportunidades possíveis para contestar e minar os territórios dominados pelo Império Assírio. Além disso, haviam as constantes incursões das populações nômades das estepes, as quais buscavam melhores condições climáticas, terras cultiváveis e pastos férteis para alimentar seus rebanhos e manter a subsistência da sua população (LÉVÊQUE, 2009, p.562).

Durante uma das campanhas de conquista do rei Sargão II contra os povos urartianos, moradores das estepes do Cáucaso, esse soberano foi morto em batalha e seu corpo nunca foi encontrado. A morte inesperada do governante trouxe sérias consequências a todo o Império Assírio, levando a uma crise política que fez surgir tentativas de usurpação do trono por alguns membros da nobreza militar que eram contrários a ascensão de Senaqueribe, o herdeiro de Sargão II. Porém, as tentativas de tomar o poder falharam, sendo que todas foram

desarticuladas. Depois desse período conturbado, Senaqueribe (745 a 681 a.C.), filho mais jovem de Sargão II, consegue consolidar seu domínio sobre a liderança do império (LUCKENBILL, 1924, p. 20).

1.2 A ASCENSÃO DE SENAQUERIBE E SUAS PRIMEIRAS EXPEDIÇÕES MILITARES (705-701 A.C.)

O desastre da expedição militar de Sargão II contra os povos urartianos, acarretou na morte desse soberano e no desaparecimento do seu cadáver no campo de batalha. Essa situação fez surgir o mito, de acordo com a cosmovisão religiosa mesopotâmica, de que os deuses haviam abandonado Sargão II e castigado ele com a morte e a falta de um sepultamento digno da realeza. Sendo que esse castigo teria sido causado por algum sacrilégio cometido por esse governante. Assim, os nobres assírios opositores da dinastia de Sargão II aproveitaram essa possível argumentação religiosa para tentar derrubar a dinastia sargônida do poder. Pois eles alegavam que Sargão II e seu filho e herdeiro, Senaqueribe, tinham perdido o favorecimento divino (KOTLER, 2009, p. 35-36).

No entanto, Senaqueribe agiu rapidamente e conseguiu apoio dos sacerdotes e de uma parcela considerável da nobreza imperial. Os quais haviam recebido bastante subsídios econômicos, políticos e sociais durante o governo de Sargão II e não desejam arriscar seus bens em uma revolta que poderia lhes custar o seu patrimônio acumulado e a estabilidade financeira alcançada. Dessa maneira, mantiveram o apoio a sucessão legítima de Senaqueribe e auxiliaram esse governante a erradicar os focos de resistência a sua administração dentro do território nacional assírio, localizado na Alta Mesopotâmia (KOTLER, 2009, p. 40-42).

Segundo Luckenbill (1924) sua consolidação no poder não lhe trouxe tranquilidade, pois os povos que faziam parte do império aproveitaram o período de turbulência da sucessão real e tentaram abertamente realizar a independência do domínio imperial. Assim, no leste, o Reino do Elam deixou de pagar os seus tributos de submissão política à Assíria e a Babilônia, (governada pelo príncipe Merodaque-Baladã II, [742-700 a.C.]), declarou a independência da cidade, liderando uma pequena confederação de centros urbanos sumerianos. Enquanto que no noroeste e oeste, os Reinos Neo-Hititas também declararam sua independência do império assírio e as cidades-Estado Fenícias, lideradas por Sídón e Tiro, também deixaram de enviar seus tributos a capital imperial (LUCKENBILL, 1924, p. 21).

Na região sul, as cidades-Estado da Filístia, principalmente Gaza, Asdode e Gate, se declararam independentes do domínio assírio. Enquanto que o Reino de Judá, depois de

décadas liderado por um governo favorável a Assíria, também se rebelou, negando o pagamento dos tributos anuais e atacando e anexando alguns dos territórios pertencentes a cidade-Estado Filístia de Ecrom, que continuou fiel ao governante assírio. Além disso, os egípcios começaram uma intensa movimentação das suas tropas na fronteira, na Península do Sinai, buscando minar a influência assíria na região do Levante (TAKLA, 2008, p. 86-89). Assim, o rei Senaqueribe se encontrava em uma situação difícil e tendo que combater com rapidez as diversas revoltas que eclodiram nos territórios dominados pelos assírios. Sendo que uma resposta imediata seria fundamental para evitar que os líderes locais, que estavam tentando se libertar do controle assírio, conseguissem consolidar o seu poder de maneira permanente.

Conforme Takla (2008), como primeiras medidas a serem tomadas, Senaqueribe analisou a situação com cuidado e viu que os Babilônicos e os Elamitas eram as ameaças mais críticas. Desse modo, o governante se lança em sua primeira campanha contra essas duas sociedades, subjugando os babilônicos, por meio da devastação da cidade da Babilônia, saque dos seus recursos econômicos, morte e escravização de uma parcela significativa da população. Enquanto que os elamitas, vendo a maneira repressiva e bastante violenta dos assírios contra os babilônicos, acabam realizando um acordo e se submetendo ao governo imperial assírio. Sendo obrigados a pagarem um elevado tributo para não terem os exércitos assírios dentro do seu território e sua capital, a cidade de Susa, cercada e saqueada (TAKLA, 2008, p. 92).

Depois da estabilização das fronteiras orientais, de acordo com Jesus (2015), Senaqueribe se voltou para a região do Levante. Sua segunda campanha punitiva se inicia contra os Reinos Neo-Hititas, anexando cada um deles como províncias imperiais e deportando uma parte da sua população para outras áreas do território assírio. Logo em seguida se vira contra as cidades-Estado Fenícias de Sídón e Tiro, depondo o rei sidônio, porém não consegue subjugar os tírios, pois sua capital se encontrava em uma ilha no Mar Mediterrâneo, a uma certa distância do litoral. Como não possuía uma marinha forte que pudesse realizar um assalto anfíbio, ele apenas deixa uma guarnição militar e uma comitiva para tentar negociar com o governo tírio (JESUS, 2015, p. 21).

Logo após essas primeiras expedições, Takla (2008) informa que Senaqueribe dividiu seu exército em duas forças de combate e inicia a sua terceira campanha, com uma parte do seu exército voltado a submeter as demais regiões e Estados revoltosos, como as cidades-Estado da Filístia e o Reino de Judá. Enquanto que o próprio rei se dirigiu com a outra parte das suas forças militares para enfrentar diretamente os egípcios, que vinham mobilizando

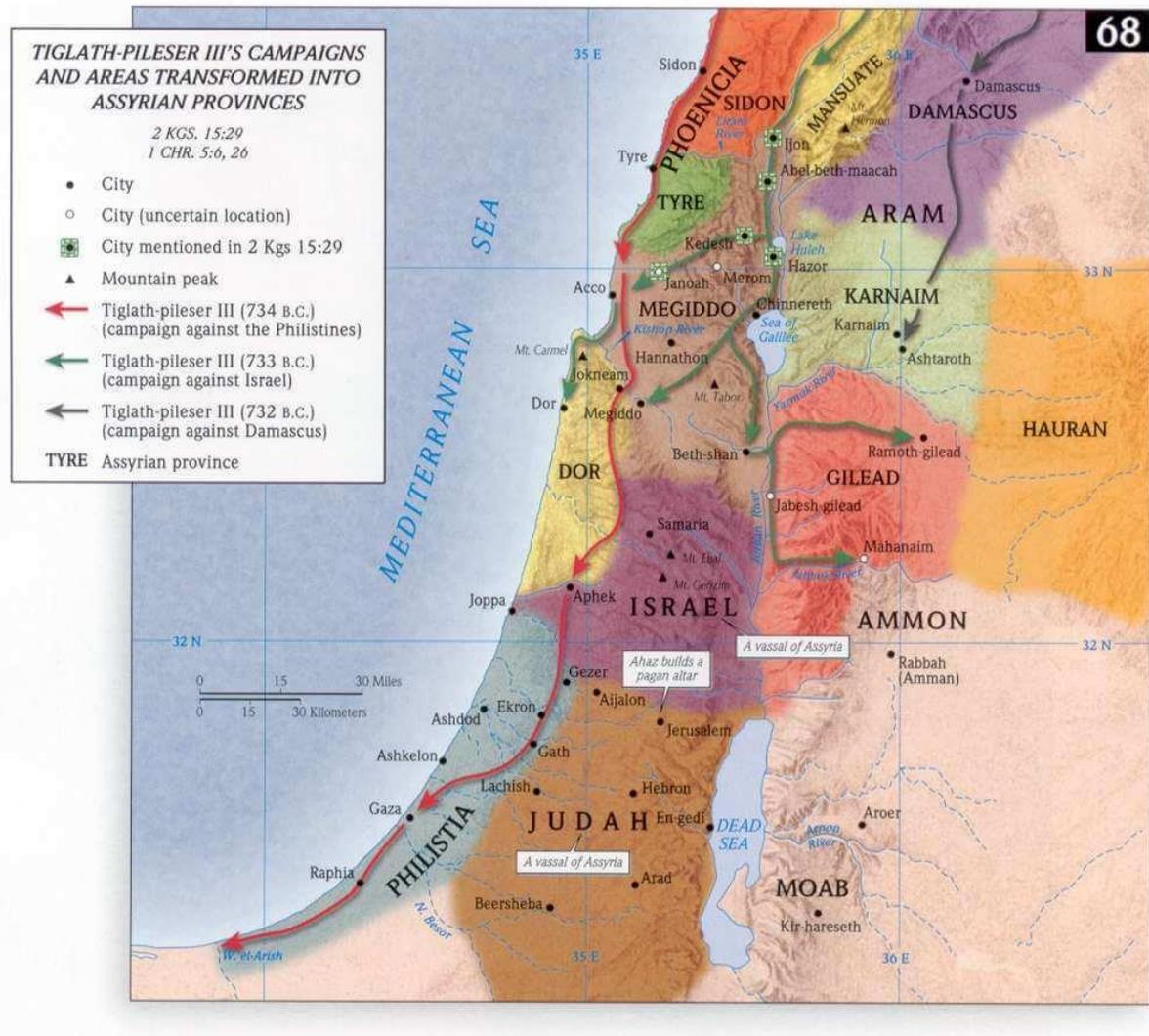
diversas colunas de tropas e pressionando sua fronteira na região do Sinai. Enquanto que o início da sua campanha contra os filisteus e judeus vinha ganhando êxito, culminando com o cerco a cidade de Jerusalém (a capital de Judá), sua investida contra as forças do faraó Taharqa (pertencente a XXV dinastia) se tornava em um impasse inconclusivo (TAKLA, 2008, p. 94).

1.3 O REINO DE JUDÁ DURANTE O GOVERNO DE EZEQUIAS (716-697 A.C.)

Durante a segunda metade do século VIII a.C., o Reino de Judá, sob o governo do rei Acaz (763-727 a.C.), se encontrava numa posição de nação tributária em relação ao Império Assírio. Segundo as fontes disponíveis, esse monarca se mostrava aberto ao diálogo e leal ao governo assírio, não havendo registros de rebeliões contra as autoridades assírias durante seu reinado, além de não haver se recusado a pagar os tributos exigidos. Tal ação era decorrente do auxílio pedido pelo rei hebreu ao governante assírio Tiglate-Pileser III contra seus inimigos. Pois Acaz estava sendo ameaçado por uma aliança entre Rezim (770-732 a.C.), rei arameu de Damasco e Peca (752-732), soberano do Reino de Israel do Norte (BRIGHT, 2003, p. 35-39).

Aproveitando a chance de expandir sua influência e autoridade no sul dos territórios do Levante (próximo a fronteira com o Egito), Tiglate-Pileser III organiza uma campanha militar e vai em auxílio de Acaz (fig. 4). Sendo que nessa expedição ele derrota Rezim e anexa o Reino Arameu de Damasco (732 a.C.). Logo em seguida se prepara para investir contra Peca, porém esse governante é assassinado em 732 a.C. por Oseias (759-714 a.C.), esse assume o trono e, preocupado com a invasão das forças assírias, tenta negociar um tratado de paz e posterior submissão do reino de Israel do Norte. O qual é aceito por Tiglate-Pileser III, que impõe uma alta tributação ao novo governante. Segundo Kriwaczek (2010), Oseias havia percebido que não poderia arriscar-se em uma batalha que lhe levaria a derrota por um inimigo tão violento, preferindo pagar uma substancial indenização em vez de ser deposto do seu cargo de monarca (KRIWACZEK, 2010, p. 301).

Figura 4 - Campanhas militares de Tiglate-Piliser III (século VIII a.C.)



Fonte: RIDLING, 2002.

Conforme Bright (2003), o Reino de Judá passa a ficar sob a proteção dos assírios e entra nas rotas comerciais desse império, o que lhe garante maiores possibilidades econômicas na região. Em contrapartida sua independência fica praticamente inexistente e sua política externa se torna atrelada a política exterior do Império Assírio. Já para os assírios, seu maior ganho se tornou na expansão da sua influência na região do litoral do Mediterrâneo Oriental. Além disso, a existência do Reino de Judá serviria como uma barreira política entre os domínios assírios e o território controlado pelos egípcios, seus principais rivais na região (BRIGHT, 2003, p. 45-48).

Mas, de acordo com Takla (2008), essa estável relação entre os hebreus e os assírios viria sofrer mudanças drásticas a partir da sucessão dos governos de ambos os Estados.

Salmaneser V, rei da assíria, descobriu uma aliança do Reino de Israel do Norte com o Egito, e assim atacou o reino hebreu. Porém, a conquista só ocorreria por meio do seu sucessor, o rei Sargão II, que destruiu Samaria (a capital do reino hebreu do norte), matou diversos moradores, exilou e escravizou uma parte considerável dos sobreviventes (TAKLA, 2008, p. 98-100). Já os refugiados que conseguiram escapar do ataque assírio, buscaram abrigo ao sul (no Reino de Judá), aumentando significativamente a população desse Estado. (BRIGHT, 2003, p. 52-55).

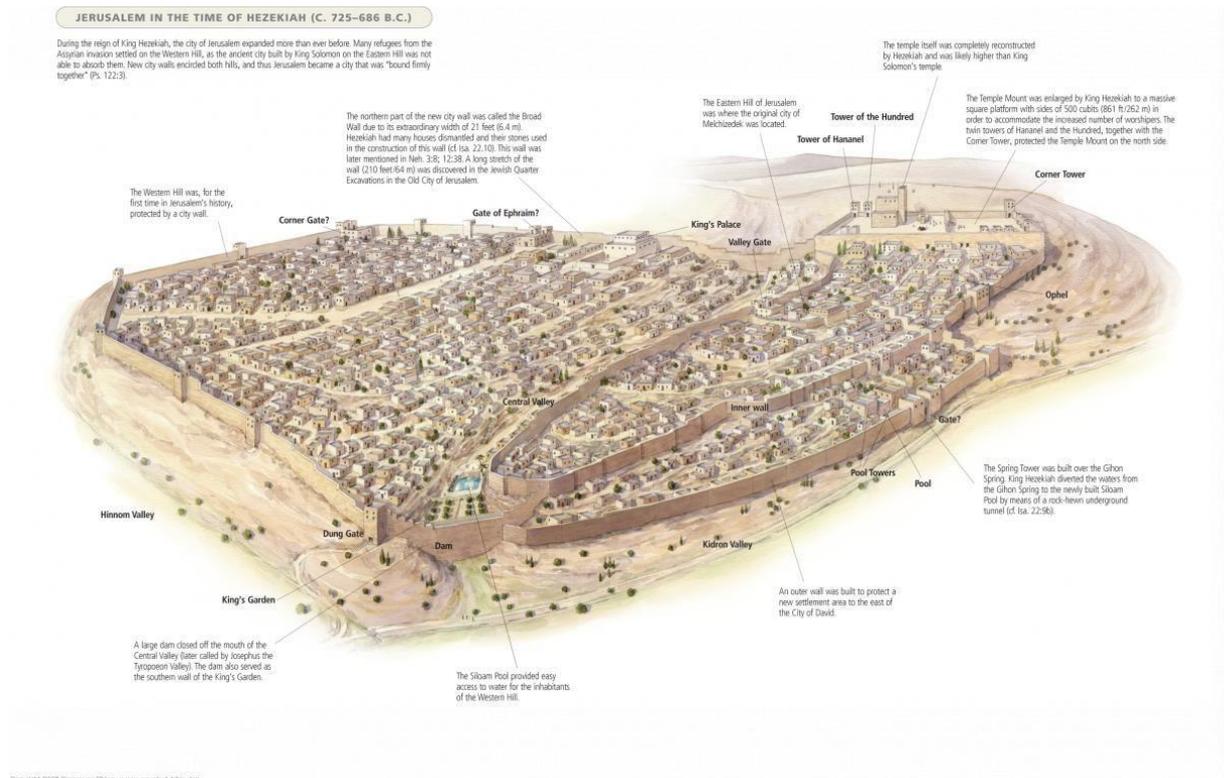
Nesse tempo, Ezequias (739-697 a.C.) tinha sucedido seu pai Acáz como rei de Judá. Com a chegada dos refugiados uma nova fase havia começado na história do reino, pois dentre a população do norte que havia se estabelecido no sul, existiam diversos profissionais especializados em engenharia, administração e arquitetura, além de grandes e pequenos comerciantes e fazendeiros, os quais trouxeram diversos benefícios para Judá. A cidade de Jerusalém sofreu algumas alterações na sua urbanização para conseguir acomodar as pessoas que haviam vindo do reino do norte. Desse modo, seu núcleo urbano se expandiu para a região oeste do principal centro administrativo, localizado num outeiro que correspondia a Cidade de Davi, o Ophel e o Monte do Templo (fig. 5 e 6) (STERN, 1993, p. 700- 701).

Figura 5 - Jerusalém antes das reformas urbanas de Ezequias (século VIII a.C.)



Fonte: USSISHKIN, 2004, vol. I, p. 35.

Figura 6 - Jerusalém após as reformas urbanas de Ezequias (século VIII a.C.)



Fonte: USSISHKIN, 2004, vol. I, p. 38.

Segundo Congan e Tadmor (2008), o reinado de Ezequias marcou uma nova fase na história do Reino de Judá. Em seu governo foram implementadas diversas reformas no Estado e em todos os níveis da sociedade, destacando-se as de cunho religioso, arquitetônico, de engenharia e na política internacional. Assim, no campo das reformas religiosas, esse governante buscou centralizar as atividades religiosas no templo de Jerusalém, além de tentar minar as práticas religiosas de origem estrangeira, por meio da proibição e da destruição de altares e templos espalhados pelo país (COGAN; TADMOR, 2008, p. 218, 220).

Conforme Borowski (1995), essa atitude de Ezequias acabou gerando uma maior uniformidade cultural no Reino de Judá, trazendo o apoio político das classes mais conservadoras da sociedade, em especial os sacerdotes. Além disso, a reforma poderia ser também compreendida como uma preparação da revolta contra a Assíria, pois ao tentar implantar uma centralização de atividades religiosas na capital em Jerusalém, o rei Ezequias estaria realizando a concentração do poder econômico nessa cidade. Dessa maneira, todos os judeus se dirigiam ao templo e traziam suas ofertas, sendo fundamental a existência de várias atividades comerciais e de serviços que supririam as demandas e as necessidades dos

visitantes nos períodos das peregrinações religiosas. Assim, havia um crescimento no dinamismo econômico do centro político do reino (BOROWSKI, 1995, p. 152, 154).

Dessa forma, segundo Borowski (1995), a autoridade de Ezequias no reino se cristalizou e fundamentou-se ainda mais. Pois nesse momento, e com a queda do Reino de Israel do Norte, Judá era o principal poder político e econômico entre os assírios e os egípcios, servindo de uma barreira entre ambas as potências regionais. Desse modo, havia a necessidade desse governante de manter seu reino o mais homogêneo possível e em um nível de estabilidade política, econômica e cultura que permitisse o máximo que ele pudesse alcançar de um estado de independência em relação aos dois poderes dominantes (BOROWSKI, 1995, p. 154-155).

Já na sua política externa, o governante de Judá mudou sua postura em relação aos assírios. Seu pai Acáz, o rei predecessor, havia se tornado um monarca submisso do Império Assírio, pagando grandes somas de tributos anuais, evitando revoltas e contribuindo como posto de abastecimento de armas e mantimentos para as tropas assírias, quando essas estivessem realizando campanhas punitivas na localidade (COGAN; TADMOR, 2008, p. 217). Conforme Bright (2003), Ezequias buscou diminuir a influência assíria no seu reinado, revertendo as diversas ações políticas pró-assírias tomadas pelo seu pai. Tais decisões tinham o objetivo de tirar o seu reino da esfera de poder dos assírios (BRIGHT, 2003, p. 64-66).

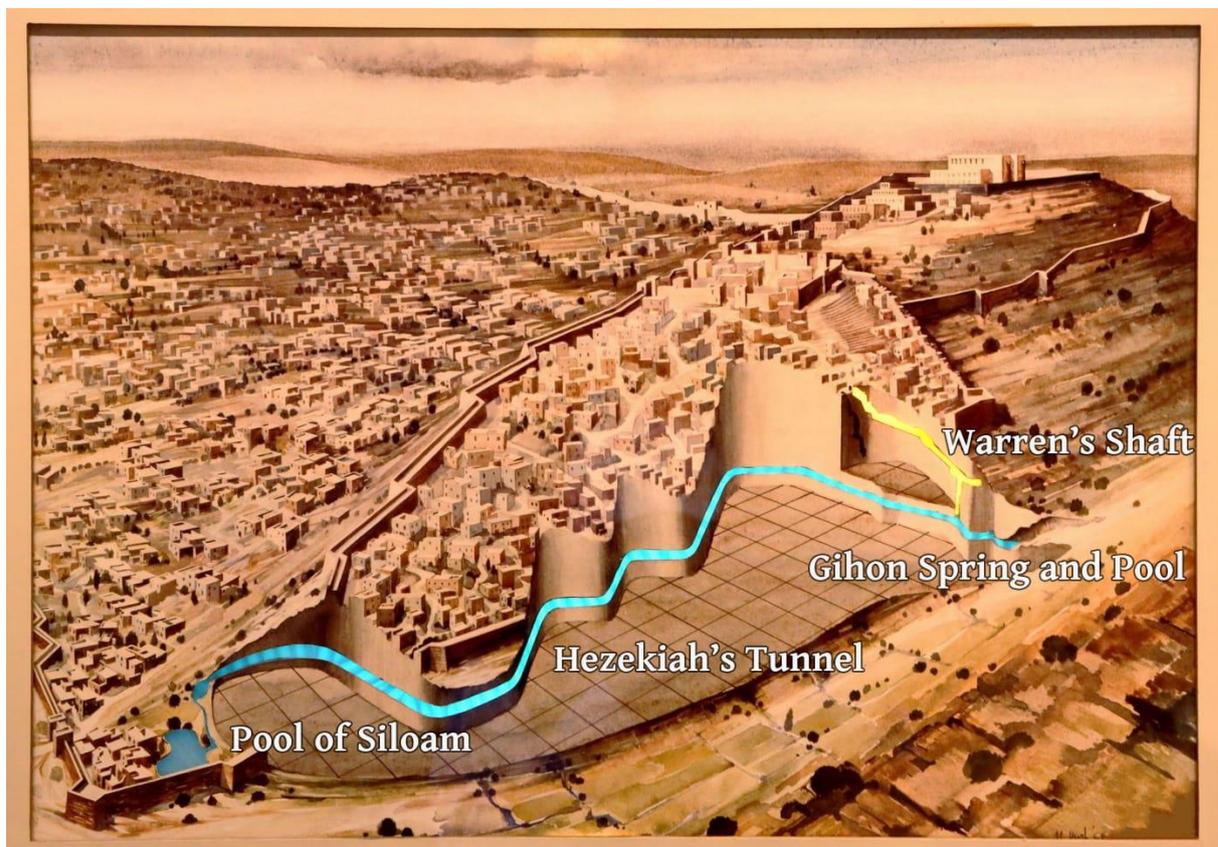
Segundo Takla, (2008), a principal oportunidade surge com a morte repentina do rei Sargão II e na posterior crise sucessória que surge. Aproveitando-se desses problemas ocorridos, diversas regiões do império entram abertamente em revolta, com várias províncias buscando a independência. Dessa maneira, o rei de Judá nega-se a pagar os tributos anuais e realiza pequenas excursões contra as cidades-Estado aliadas ao governo assírio que fazem fronteira com o reino hebreu, como no caso da cidade de Ecrom. Além disso, Ezequias realizou diversas reformas de engenharia no seu reino, tentando realizar os preparativos necessários para enfrentar os exércitos imperiais assírios, que logo chegariam nos seus domínios (TAKLA, 2008, p. 95-96).

De acordo com Mazar (2003), suas atividades de reconstrução militar, trouxeram uma maior proteção para o reino e em especial à sede do poder administrativo. Cidades foram fortificadas e outras tiveram seus muros, fossos e portões reformados, como ocorreu nas cidades-fortaleza de Libna, Gezer, Azeca e Láquis, segundo centro urbano mais importante do reino e responsável pela segurança e proteção da principal região econômica do país. Já em Jerusalém, Ezequias realizou muitos projetos defensivos, reformando diversas partes das muralhas e reconstruindo outras praticamente a partir da base. Além de reforçar as muralhas,

ele armazenou o máximo possível de provisões e armas, por meio da construção de diversos celeiros (MAZAR, 2003, p. 395, 398).

Porém, seu projeto mais audacioso, segundo Kotler (2009), foi o desenvolvimento de um sistema hídrico que permitiria o abastecimento ininterrupto de água para a cidade de Jerusalém, que ficou conhecido como o Túnel de Ezequias (fig. 7) (KOTLER, 2009, p. 69-73). A principal fonte de água potável da cidade era a fonte do Gion, localizada na parte externa das muralhas da cidade, que percorria o paredão ocidental do Vale do Cedrom e desembocava nas proximidades da piscina de Siloé, mantendo a população abastecida. Porém essa situação trazia sérios problemas em períodos de guerra (KOTLER, 2009, p. 68).

Figura 7 - Túnel de Ezequias



Fonte: KOTLER, 2008, p. 118.

Conforme Jesus (2015), essa nascente poderia servir de abastecimento para os seus inimigos, por se encontrar em campo aberto. Além disso, os exércitos que cercassem a cidade poderiam bloquear o acesso a esse recurso hídrico, impedindo o fornecimento de água para a cidade. Sendo que essa situação levaria a população a enfrentar uma séria escassez e crise hídrica, acarretando na capitulação da capital. Assim, o rei e seus engenheiros tiveram que

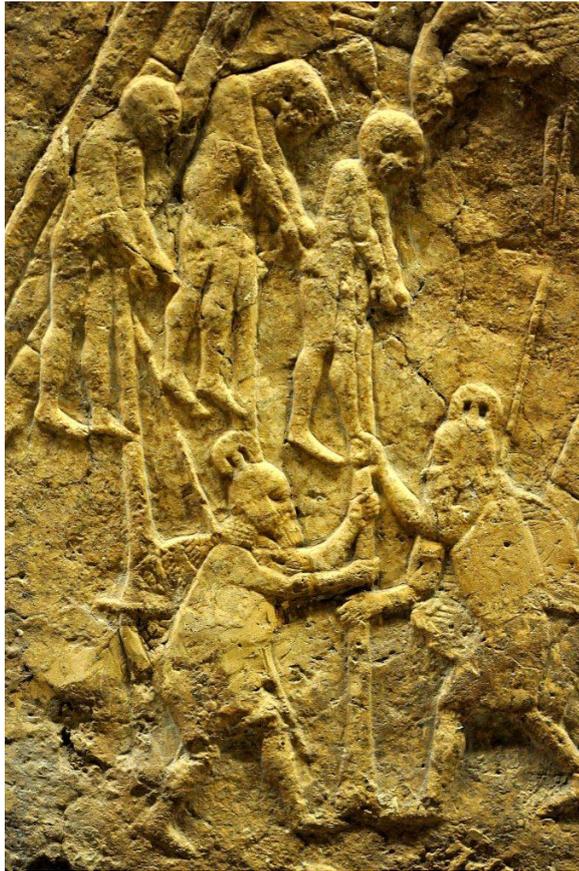
desenvolver uma solução que resolvesse ambos os problemas: impedir os assírios de terem acesso a fonte e manterem um ininterrupto abastecimento de água em Jerusalém. “Para solucionar o primeiro problema, o rei bloqueou a saída de água da nascente, direcionando o curso da água para dentro de Jerusalém” (JESUS, 2015, p. 33).

Segundo Kotler (2009), Como a cidade se encontra posicionada em cima de um outeiro (uma espécie de monte) os engenheiros obstruíram a saída externa do Gion, que percorria paralelamente os muros da cidade, impedindo qualquer pessoa ou exército que esteja fora das muralhas de ter acesso a água. Sendo que a topografia do outeiro auxiliou bastante nessa tarefa, pois seu interior é repleto de cavernas, grutas e passagens que se espalham por diversos níveis desse acidente geográfico. Essas formações geológicas se tornam cisternas naturais responsáveis por represar o fluxo constante do líquido. Já em relação a segunda questão, manter um abastecimento contínuo, o rei Ezequias e seus construtores desenvolveram um grande projeto hidráulico tentando sanar essa situação (KOTLER, 2009, p. 72).

De acordo com Mazar (2003), os construtores elaboraram um complexo e intrincado sistema de aqueduto fechado e escavado na rocha sólida. Desenvolvido a partir da junção entre diversos canais subterrâneos construídos pelos trabalhadores e aproveitando as passagens cilíndricas naturais existentes em diversas sessões do outeiro. Esse túnel ligava a fonte do Gion à Piscina de Siloé, media 533 metros de comprimento, uma largura média de 60 centímetros e uma altura aproximada de 1,80 metros, composto por diversas curvas em “S”, as quais permitiam um fluxo constante e a pressão hidráulica necessária para que a água chegasse no reservatório. Sendo que seu nível foi extremamente planejado e calculado, mantendo uma diferença de apenas 35 centímetros entre o ponto na nascente e a sua extremidade na piscina (fig. 7) (MAZAR, 2003, p. 456-458).

Apesar de todos esses preparativos, segundo Luckenbill (1924), a campanha punitiva de Senaqueribe trouxe muitos problemas e causou desastres no Reino de Judá. Pois esse reino não possuía os meios políticos, econômicos e militares necessários para enfrentar sozinho as forças assírias, as quais eram consideradas uma das melhores forças militares do mundo antigo. Dessa maneira, diversas cidades e aldeias foram conquistadas e destruídas, suas populações foram escravizadas, com uma parcela significativa sendo morta ou sofrendo uma ampla variedade de torturas, como empalamento, degolação, decapitação, esfolamento, incineração de pessoas vivas, esquartejamento e diversas mutilações (fig 8). Por fim, as tropas assírias cercaram a cidade de Jerusalém, capital de Judá, e se prepararam para a conquista final (LUCKENBILL, 1924, p. 28-29).

Figura 8 - Alto-relevo: empalamento assírio contra a população capturada de Láquis



Fonte: RUSSELL, 1991, p. 208.

1.4 DEVASTAÇÃO DO REINO DE JUDÁ E CERCO DE JERUSALÉM (701 A.C.)

A escala da devastação ocasionada pela campanha punitiva do rei Senaqueribe contra o Reino de Judá (ocorrida em 701 a.C.) pode ser observada e compreendida a partir dos estudos e análises dos diversos sítios arqueológicos ainda existentes. Muitos desses sítios deixaram uma ampla gama de vestígios sobre essa expedição, como nos casos das cidades de Láquis, Libna, Mispa, Maressa, Timna e outras (MAZAR, 2003, p. 416-417). Todos esses centros possuem a presença de alguns objetos bélicos utilizados pelos assírios, como restos de torres de cerco, aríetes, perímetros de organização de acampamentos militares, indícios de incêndios nas entradas e no meio dos recintos, pontas de lanças, flexas e espadas (fig. 8 e 9) (MAZAR, 2003, p. 420).

Figura 9 - Pontas de flechas dos assírios encontradas no sítio de Láquis



Fonte: USSISHKIN, 2004, vol. II, p. 735.

Figura 10 - Pedras utilizadas por fundeiros que defendiam a cidade de Láquis



Fonte: USSISHKIN, 2004, vol. II, p. 735.

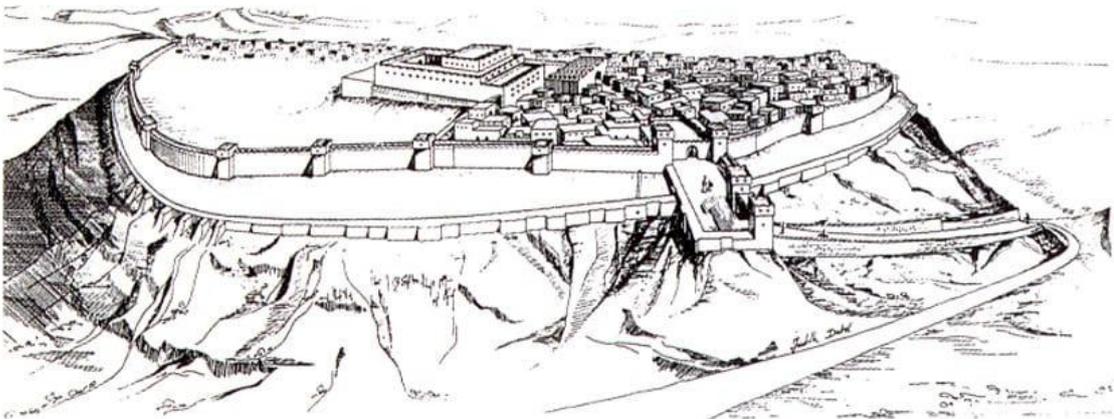
De acordo com Jesus (2015), a campanha de Senaqueribe teve início pela região sudoeste do Reino de Judá, logo após sua expedição contra as cidades rebeldes da Filístia. Essa área do reino de Ezequias era a parte onde se encontrava as principais cidades-fortaleza dos hebreus, destacando-se Láquis (segundo centro urbano mais importante) (fig. 10), Gezer e Libna. Assim, com a tomada dessas praças fortes os assírios estavam evitando possíveis ataques enquanto eles adentravam em território hostil. Do mesmo modo, conseguiam o efeito

da tática psicológica, por meio dos horríveis tormentos que eles faziam as populações locais passarem. Dessa maneira, as tropas assírias iam minando a moral e vontade de resistência de civis e militares do reino e em particular dos moradores da capital, a cidade de Jerusalém (JESUS, 2015, p. 41-44).

Além disso, o rei assírio invadiu essa região por causa dos seus valiosos recursos econômicos, pois essa era uma área conhecida como Planície de Sefelá, a qual possuía uma expressiva produção agrícola, pastos abundantes e férteis, responsáveis por uma parcela significativa do abastecimento de todo o país (GRABBE, 2003, p. 18-19). Dessa forma, essa planície era uma localidade estratégica e bastante importante para o reino tanto do ponto de vista econômico como estratégico, pois sua localização se encontrava próxima a fronteira da Filístia, na qual residiam os tradicionais inimigos dos hebreus.

Conforme Ussishkin (2004), a defesa dessa área era de fundamental importância para Ezequias, por isso, as suas medidas de reformar as estruturas militares das cidades dessa localidade foram tão importantes, pois era uma questão de defesa estratégica que afetaria todo o reino. Assim, os sistemas defensivos das cidades localizadas no Sefelá eram compostos por uma complexa rede de mecanismos que envolviam muralhas mais espessas, portões reforçados, améias e torres estrategicamente posicionadas, passagens estreitas e no formato de ziguezague. Buscando sempre facilitar a defesa dos defensores e dificultar as investidas dos atacantes (fig. 10) (USSISHKIN, 2004, p. 78-81).

Figura 11 - Cidade de Láquis e suas estruturas defensivas



Fonte: USSISHKIN, 2004, vol. I, p. 85.

Segundo Wright (1955), os assírios possuíam uma formidável estrutura militar composta de táticas inovadoras para a época, a organização de uma cadeia de comandos mais flexível e o uso de armas de ferro, transformando-os em uma força militar eficiente. Apesar disso, os exércitos assírios sentiram dificuldades e passaram por alguns transtornos nas suas conquistas, principalmente nos cercos das cidades de Láquis e Libna. Porém, mesmo com alguns obstáculos, as tropas assírias eram inresistíveis, alcançando êxito em todos os seus empreendimentos contra os hebreus, conseguindo conquistar aproximadamente mais de quarenta cidades e aldeias (WRIGHT, 1955, p. 11-12).

De acordo com Childs (1976), todas essas vitórias trouxeram muitos benefícios para os atacantes, como grandes somas de gado obtido (tanto miúdo quanto gordo), objetos de valor, recursos agrícolas e uma expressiva quantidade de escravos. Assim, Senaqueribe e seu exército mostravam o que ocorria com qualquer reino tributário que viesse a se rebelar, tendo seus recursos confiscados, suas cidades destruídas e seus moradores sendo mortos, deportados e escravizados. Tais medidas também serviam de arma psicológica, como um tipo de aviso as demais províncias do império e aos reinos submetidos, buscando inibir futuras tentativas de revolta (CHILDS, 1976, p. 72-75).

Conforme Bright (2003), logo após os sucessos na região da Planície de Sefelá, as forças armadas assírias se dirigiram a cidade de Jerusalém, capital do Reino de Judá. Sendo que o exército não cercou de imediato o centro urbano (parando nas proximidades), pois era uma típica estratégia assíria, na qual eles enviavam um grupo de diplomatas para tentar persuadir a cidade alvo de evitar o cerco, por meio de uma rendição pacífica. Mas, se por acaso houvesse uma recusa, ocorreria um cerco que resultaria no ataque a cidade e na sua destruição. Assim, a pequena delegação assíria chegou no portão da cidade de Jerusalém, encontrando os representantes do rei Ezequias, e iniciaram uma série de conversações, as quais se demonstraram infrutíferas. Pois nenhum dos lados cedia totalmente as exigências da contraparte. (BRIGHT, 2003, p. 37-42).

De acordo com Wright (1955), vendo que os hebreus não entregariam a cidade, os emissários de Senaqueribe buscaram utilizar de táticas de guerra psicológica. Assim, começaram a falar em voz alta para que todos que estivessem nos muros e no portão de entrada pudessem ouvir sobre as diversas conquistas consecutivas e ininterruptas das forças assírias. Além disso, expuseram a devastação que eles eram capazes de causar a todos os povos que não se submetiam de livre e espontânea vontade as exigências do rei assírio. Mesmo assim a delegação assíria não obteve êxito, retornando para o acampamento militar

imperial, no qual os líderes militares começaram os preparativos para mais um cerco (WRIGHT, 1955, p. 13-14).

Porém, no caso de Jerusalém, segundo Kotler (2009), havia algumas dificuldades para a realização de um cerco eficiente, pois a cidade se encontrava localizada em cima de um outeiro cercado por três vales, os quais impossibilitavam o uso eficiente das máquinas de cerco, como os aríetes e torres para atacar os muros. Além disso, as muralhas haviam acabado de passar por uma série de reformas, realizadas pelo rei Ezequias, as quais trouxeram mais proteção e melhoraram as defesas do centro urbano (KOTLER, 2009, p. 78-82).

Dessa maneira, de acordo com Grabbe (2003) e Kotler (2009), os assírios buscaram primeiramente isolar a cidade do resto do reino, bloqueando as principais vias que davam acesso ao lugar, tentando impedir o máximo possível as comunicações e o abastecimento de suprimentos e armas que pudessem chegar de outras áreas. Desse modo, o cerco de Jerusalém não ocorreu de modo tradicional, pois a tática utilizada pelos atacantes assírios fez com que a cidade ficasse isolada das demais regiões do Reino de Judá, sendo que o próprio Senaqueribe se gabava por ter colocado Ezequias preso em Jerusalém como um pássaro engaiolado (GRABBE, 2003, p. 8-10; KOTLER, 2009, p. 85-86).

Porém, de acordo com Evans (2008), depois de todos esses preparativos e quando tudo se encaminhava para uma vitória completa dos exércitos assírios, ocorreu algo inusitado e em um curto espaço de tempo. Segundo as fontes como os textos bíblicos, Heródoto e Flávio Josefo, alguma coisa aconteceu entre a madrugada e a alvorada, levando as forças assírias a levantarem o cerco à cidade e voltarem para sua terra natal, na Alta Mesopotâmia, sem que eles realizassem um ataque direto a Jerusalém e conquistassem o centro urbano. Além disso, o rei hebreu Ezequias não foi deposto do seu cargo pelo seu ato de revolta (EVANS, 2008, p. 3).

Conforme Evans (2008), esse acontecimento se tornou uma situação incomum na história dos registros disponíveis sobre os cercos do Império Assírio. Pois durante a sua existência os cercos iniciados eram concluídos com a destruição da cidade cercada, deposição do seu monarca, saques, mortes, escravização e deportação dos seus moradores. Porém nesse caso nenhum desses fatos ocorreu, tornando esse acontecimento particularmente intrigante, levando diversos pesquisadores a desenvolverem variadas hipóteses, das quais, até o presente momento, nenhuma conseguiu ter uma ampla aceitação por parte dos membros do meio acadêmico. Pois, mesmo com as diversas interpretações dos fatos realizadas até o momento, ainda se mantém em aberto as possíveis possibilidades que levaram ao precoce recuo dos assírios (EVANS, 2008, p. 9-11).

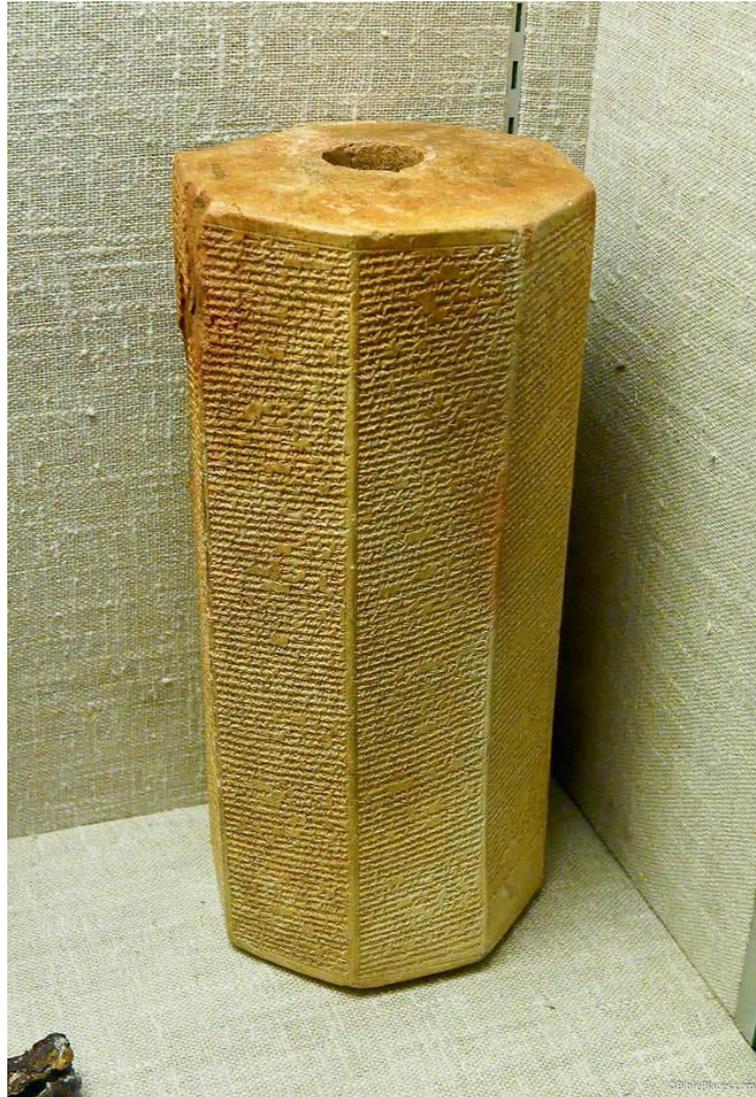
2 REVISÃO DAS FONTES: UM ESTUDO DAS PRINCIPAIS GERAÇÕES DE PESQUISADORES E SUAS INFLUÊNCIAS

2.1 PRIMEIRA GERAÇÃO: (1851- 1967): VESTÍGIOS DE CONFIRMAÇÃO DA VITÓRIA DOS ASSÍRIOS SOBRE O REINO DE JUDÁ

Até a primeira parte do século XIX a maioria das informações que relatavam as campanhas do rei assírio Senaqueribe na região do Levante se encontravam registradas dentro das narrativas do historiador grego Heródoto (440-430 a.C.), nos textos bíblicos de II Reis, II Crônicas e Isaías (com indicativos de terem sua forma atual sido escrita entre os anos de 560-538 a.C.) e na obra de Flávio Josefo (93-94 d.C). Porém, as diversas expedições científicas que ocorreram no Oriente Médio (dentro do contexto das explorações do imperialismo afro-asiático) encabeçadas pelas grandes potências econômicas europeias encontraram novas fontes de pesquisa sobre a história do Império Assírio. A partir desse ponto, elas forneceram diversas perspectivas de pesquisa para a nascente historiografia moderna que surgia na época, proporcionando estudos e conhecimentos sobre o passado desse povo (RUSSELL, 1993, p. 54-57).

Dentre os novos documentos se destacou os alto-relevos do palácio de Senaqueribe com suas representações idealizadas da campanha desse rei assírio e seus anais reais registrados em um prisma de barro cozido (fig. 12), no qual se encontra registrado a narração das suas oito campanhas. Além disso, existem algumas menções do seu reinado registradas nos tabletas cuneiformes da antiga Biblioteca Real de Nínive, um grande acervo dos registros reais. Todos esses registros foram encontrados nas ruínas da antiga cidade de Nínive, a capital imperial de Senaqueribe. Assim, tais fontes de informação ajudaram os arqueólogos e historiadores a analisar e compreender o governo de Senaqueribe a partir do ponto de vista da própria cultura assíria (BRIGHT, 2003, p. 22-28).

Figura 12 - Anais de Senaqueribe: Prisma do Instituto Oriental



Fonte: KOTLER, 2008, p. 109.

Um dos primeiros pesquisadores a estudar as campanhas de Senaqueribe foi o britânico Henry Rawlinson (1810-1895), oficial do exército imperial britânico, diplomata e pesquisador da história oriental. Por meio dos seus trabalhos, tornou-se um grande entusiasta em relação a escavações arqueológicas no atual Oriente Médio. Considerado um dos pioneiros na decifração da língua cuneiforme, ele realizou a tradução do Prisma de Taylor em 1851, o documento mais antigo e importante sobre as atividades militares do Rei Senaqueribe. Seu irmão mais novo, George Rawlinson (1812-1902), foi professor da Universidade de Oxford e tentou em 1864 realizar a primeira análise comparativa entre as informações contidas nos livros bíblicos e no texto do Prisma, traduzido pelo seu parente (GRABBE, 2003, p. 20).

O extensivo trabalho realizado por George levou esse pesquisador a construir uma tabela cronológica na qual ele preencheu as informações dessas duas fontes e comparou seus dados. Desse modo, o assiriologista chegou a conclusão de que ocorreram duas campanhas do rei assírio, a primeira em algum período entre 704-700 a.C., sendo o ano mais provável 701 a.C, pois seria um espaço de tempo mais adequado para organizar e realizar campanhas após a sucessão do trono (705 a.C.). Enquanto que uma segunda expedição seria realizada mais tardiamente (GRABBE, 2003, p. 19-22).

No primeiro caso, George defendeu que tanto o texto assírio como o relato bíblico narraram o ataque e o pagamento de um exorbitante tributo do rei judeu Ezequias a Senaqueribe, o qual havia reunido seu exército e voltado para sua capital Nínive. Alguns anos mais tarde ele retornaria a região para suprimir uma nova revolta de Ezequias, além de enfrentar as investidas dos egípcios na fronteira, levando a derrota das forças assírias e a sua retirada forçada do território. Sendo que essa segunda campanha de enquadraria no relato bíblico sobre uma possível derrota de Senaqueribe. Assim, para esse pesquisador, as divergências entre a narrativa dos assírios e os textos bíblicos seria a omissão do governo imperial assírio de registrar as suas derrotas (EVANS, 2008, p. 3).

Porém um outro estudioso alemão e professor da Universidade de Göttingen, Julius Welhausen (1844-1918), refutou a hipótese de George Rawlinson, desenvolvendo uma nova interpretação das fontes disponíveis, em 1883. Segundo Welhausen, os documentos não indicam evidências de uma segunda campanha, mas sim, de uma única expedição do rei Senaqueribe na região do Levante ocorrida em 701 a.C. Nessa expedição as tropas assírias sufocaram as revoltas da Filístia e venceram os exércitos egípcios nas proximidades da antiga cidade de Elteque. Em seguida ele saqueou e arrasou muitas cidades e vilas do Reino de Judá, levando o rei hebreu a se submeter ao poder assírio e tentar a realização de um tratado de paz. Desse modo Ezequias evitava a destruição da sua capital e sua destituição como monarca (GRABBE, 2003, p. 23).

Porém, enquanto havia essa conversação e tentativa de entendimento entre as partes beligerantes, o faraó Taharqa reorganizou suas forças e reuniu um novo exército para confrontar os assírios num combate que ocorreu em algum lugar próximo da fronteira entre a Palestina e a Península do Sinai. Enquanto os embates ocorriam, aconteceu algo no campo das forças militares assírias que teria devastado em grande escala as tropas e levado Senaqueribe a realizar um recuo forçado, acarretando no fim abrupto do cerco a cidade de Jerusalém (EVANS, 2008, p. 3-5).

Mas apesar dessas análises iniciais, a primeira produção científica aprofundada sobre a temática foi realizada por Bernhard Stade (1848-1906), professor da Universidade de Giessen. Esse pesquisador desenvolveu em 1886 uma nova teoria sobre a interpretação dos eventos ocorridos. Sua hipótese foi revisada e aperfeiçoada por Brevard Childs (1923-2007), professor da Universidade de Yale, criando a teoria Stade-Childs (1967). O desenvolvimento dessa hipótese se tornou a proposta teórica mais difundida sobre a campanha do rei assírio Senaqueribe contra o Reino de Judá, governado por Ezequias (EVANS, 2008, p. 39-43).

Na qual, o trabalho de ambos os pesquisadores dividiu a narrativa de acordo com alguns parâmetros: 1º- as diferentes versões informadas sobre o fato; 2º- a forma como os principais personagens são demonstrados em cada versão; 3º- nas rupturas existentes durante a narrativa do fato ocorrido; 4º- na existência de algumas fragilidades dentro do desenrolar da história; 5º- na identificação de fontes distintas (os Anais Assírios como sendo uma fonte propagandística, enquanto a narrativa bíblica possui um caráter religioso); 6º- na possível duplicação do relato bíblico, proposto por George Rawlinson em 1864 (CHILDS, 1976, p. 72-75).

Assim, Stade-Childs (1967) pegou o relato dessa campanha existente no livro bíblico de II Reis e dividiu em duas narrações, que foram denominadas de narração “A” e narração “B”. A narrativa “A” se trata do relato sobre as vitórias e capturas das cidades-fortaleza do Reino de Judá e o pagamento de elevados tributos do rei Ezequias de Judá a Senaqueribe, como forma de demonstrar submissão ao monarca assírio. Ambas se encontram presentes no capítulo 18 do livro bíblico de II Reis. De acordo com a teoria Stade-Childs, essas informações seriam as únicas atestadas historicamente, pois se encontram também registradas nos Anais Reais Assírios (CHILDS, 1976, p. 118-119).

Já em relação a narrativa “B”, ela se trata de uma narração de cunho tradicional e popular do antigo povo hebreu. Pois no seu relato Senaqueribe enviou emissários para negociar a capitulação de Jerusalém sem a necessidade de um cerco real, porém as conversações entre ambos os Estados beligerantes se tornaram infrutíferas. Tal situação levou os mensageiros assírios a utilizarem de ameaças de morte e escravização da população de Jerusalém, a queima, o saque e a destruição da capital dos hebreus. Sendo que essa situação era um tipo de tática psicológica de dissuasão e redução do ânimo de combate das forças hebraicas (CHILDS, 1976, p. 120)

A fonte bíblica informa que tanto o rei Ezequias como o profeta Isaías realizaram uma prece a Deus, o qual respondeu que Senaqueribe não entraria em Jerusalém e retornaria a sua terra natal onde seria morto pelos seus próprios filhos. Logo em seguida, a narrativa conta que

houve uma intervenção divina no acampamento militar assírio, próximo da capital dos hebreus, que destruiu todas as tropas estacionadas nas proximidades de Jerusalém. Esse acontecimento levou Senaqueribe a realizar o levantamento do cerco dessa cidade e recuar com as tropas restantes para a sua terra natal, na Alta Mesopotâmia (CHILDS, 1976, p. 121).

Assim, Childs (1967), chegou a conclusão de que a narrativa do desfecho do ataque assírio possui duas versões que se tratam de duas campanhas separadas. Com a primeira (aproximadamente no ano 700 a.C.) se baseando nas similaridades existentes entre os textos das fontes disponíveis, nesse caso os Anais Reais Assírios e o livro bíblico de II Reis. Esse relato pode está se referindo a primeira campanha de Senaqueribe na região do Levante, na qual esse monarca conseguiu submeter todos os Estados revoltosos. Em alguns casos os rebeldes foram destruídos e em outros houve a cobrança de altíssimos tributos para não serem devastados, como ocorreu com o Reino de Judá (CHILDS, 1976, p. 122).

Enquanto que a segunda possibilidade de campanha (aproximadamente ocorrida em algum momento entre 695-690 a.C.), narra a derrota dos assírios. Esta se fundamenta nas tradições populares rabínicas, que serviram de base para a produção das informações sobre a intervenção divina nesse acontecimento. Tais explicações sobrenaturais estariam ligadas a forma como os antigos hebreus pensavam em explicar o que teria ocorrido para que os exércitos assírios recuassem do seu ataque contra a capital de Judá (CHILDS, 1976, p. 123).

Logo após a publicação dessa teoria, diversos pesquisadores passaram a apoiar ou questionar as considerações das hipóteses levantadas pela tese Stade-Childs, criada em 1967. Entre os apoiadores dessa teoria se encontra o pesquisador Francolino J. Gonçalves (1986), que afirmou que a narrativa “A” estaria em conformidade tanto com os Anais Reais Assírios como também com os textos bíblicos, se tornando o mais próximo de um relato histórico real. Enquanto que narrativa “B” se trata de um texto literário desenvolvido no período exílico (século VI a.C.). Já Christoph Harmeier (1990), defendeu que as informações contidas na narração “B” não se tratavam de uma versão real da campanha de Senaqueribe contra Judá. Mas sim, de um texto fictício voltado a uma forma de resistência intelectual contra a dominação babilônica, que ocorreu no início do século VI a.C. (GRABBE, 2003, p. 23-25).

No lado dos estudiosos que questionaram as considerações da teoria Stade-Childs (1967), se encontram Ehud Ben Zvi (1990) e Dominic Rudman (2000), os quais desenvolveram uma série de trabalhos que mostram alguns problemas dessa hipótese. O primeiro ponto se baseia na possibilidade de que, embora seja um texto voltado para a vida religiosa dos antigos hebreus, o relato bíblico se mostra bastante preciso em diversos pontos históricos sobre o fato. Destacando-se Messi ponto principalmente as causas, o

desenvolvimento dos acontecimentos e seus personagens, ocorrendo divergências apenas na finalização da expedição militar assíria. Desse modo, ambos os pesquisadores deduziram que tal narrativa possui uma origem de memória coletiva genuína, a qual foi passada de geração após geração, até chegar no relato que temos hoje (EVANS, 2008, p. 13).

Assim, tanto o texto bíblico como os Anais Reais Assírios falaram de um mesmo fato ocorrido, expondo que cada fonte teve sua própria construção literária. Com as fontes assírias tendo um caráter mais propagandístico dos feitos do rei, enquanto que os textos bíblicos possuem uma maior narração dos aspectos religiosos desse fato. Desse modo, ambas as fontes apenas divergem no desfecho dos acontecimentos, no qual cada uma trouxe as perspectivas do seu próprio meio sociocultural (EVANS, 2008, p.14).

2.2 SEGUNDA GERAÇÃO (1924-2003): REVISIONISMO DO ATAQUE ASSÍRIO A JERUSALÉM E A POSSIBILIDADE DE UMA DERROTA

Deve ser ressaltado que a segunda geração teve seu início paralelo à consolidação da primeira geração, pois haviam alguns questionamentos entre os diversos pesquisadores da época. Com uma parcela significativa fornecendo pleno apoio ao trabalho científico da hipótese levantada por Bernhard Stade (1886), que nas décadas posteriores seria aprimorada por Brevard Childs, até que esse alcançasse a forma final da sua teoria Stade-Childs (1967). Assim, os primeiros pesquisadores da segunda geração já vinham questionando algumas conclusões de Stade. Porém, suas pesquisas ainda estavam se iniciando (EVANS, 2008, p. 17-18, 20).

O desenvolvimento de novos e aprofundados estudos no campo da assiriologia, como inovações nas formas de interpretação de fontes iconográficas, a introdução de meios mais modernos na leitura dos textos cuneiformes. Juntamente com as novas traduções dos tablets cuneiformes encontrados nos registros reais das cidades imperiais de Calá e Nínive (a biblioteca de Nínive) e escavações realizadas nos sítios arqueológicos de Láquis, Libna, Gezer entre outros nos anos de 1908-1919, com meios tecnológicos mais modernos, precisos e com uma taxa menor de danos causados ao sítio. Possibilitaram aos pesquisadores trazerem novas perspectivas sobre o ataque assírio a cidade de Jerusalém e seu inesperado fim (LUCKENBILL, 1924, p. 6-7).

Assim, Daniel Luckenbill (1881-1927), professor de assiriologia da Universidade de Chicago, foi um dos primeiros pesquisadores a realizar uma revisão da teoria de Stade (1886), trazendo importantes contribuições. Seu trabalho teve início a partir de uma nova tradução do

Prisma do Instituto Oriental (1924), na qual ele utilizou dos novos métodos de leitura de textos cuneiformes, composto por mudanças na morfologia, síntese e conceituação gramatical da língua acadiana e aramaica, realizados entre 1905-1920, por diversos laboratórios de pesquisa especializados em filologia das línguas do Crescente Fértil. Destacando-se os trabalhos das Universidades de Chicago e de Sorbonne (LUCKENBILL, 1924, p. 8-12).

Sua principal contribuição se encontra na forma como ele realizou a tradução das linhas finais que relatam o final da terceira campanha de Senaqueribe, com destaque para o ataque contra o Reino de Judá e o cerco a cidade de Jerusalém, ocorridos no ano 701 a.C.. Segundo Luckenbill (1924), o percurso da narrativa demonstra uma clara ideia de que haveria uma continuação do registro. Mas por algum motivo não houve essa continuidade no documento. Além disso, Luckenbill (1924), também pontua que a teoria de Stade (1886) sobre uma segunda campanha não possui nenhum embasamento arqueológico até o momento, de modo que não foram encontradas evidências da realização de duas campanhas militares organizadas e dirigidas por Senaqueribe contra o Reino de Judá (EVANS, 2008, p. 20-25).

Pois, a medida que Senaqueribe termina sua campanha contra Judá informando a destruição e captura de diversas cidades-fortaleza, muitos despojos de guerra, morte e escravização da população local, ele encerra mencionando que ele mesmo prendeu Ezequias, um rei rebelde, na sua capital em Jerusalém, como um canário preso na gaiola. Sendo que essa metáfora serve de base e como um contexto linguístico que indica uma continuidade do cerco a cidade. Porém, a narrativa não menciona como o cerco acabou e nem se houve a conquista da cidade e a deposição de Ezequias do trono. Desse modo, não se pode chegar a uma conclusão plena se houve, ou não, uma vitória dos assírios. (LUCKENBILL, 1924, p. 23-25).

De acordo com Luckenbill (1924), esse registro diverge do padrão comum utilizado pelos demais registros de outros reis assírios (anteriores e posteriores à Senaqueribe) sobre cercos a cidades. Como pode ser observado na Estela de Qarqar de Salmaneser III (século IX a.C.), Estela de Tiglate-Pileser III (século VIII a.C.) e nos anais de Esar-Hadom e Assurbanipal II (século VII a.C.). Nos quais, percebe-se que esses monarcas cercaram os centros urbanos rebeldes, depuseram seus governantes, saquearam os objetos valiosos e destruíram as cidades, para que elas servissem de exemplo e intimidação contra qualquer novo movimento de revolta contra o império. Mas nesse caso do Prisma do Instituto Oriental isso não ocorre, sendo que sua narrativa se encerra exatamente com o cerco, mas não com o seu desfecho (LUCKENBILL, 1924, p. 28-29).

Além disso, nos altos-relevos do palácio de Senaqueribe na sua antiga capital imperial, em Nínive, ele não registrou a conquista contra Jerusalém, apenas há iconografias detalhadas

sobre a conquista da cidade hebraica de Láquis. Sendo que essa última demonstra ser sua principal vitória nessa campanha contra o reino hebreu. Assim, torna-se perceptível que por algum motivo, Senaqueribe não conseguiu conquistar Jerusalém. Sendo que o próprio monarca assírio deu ordens para que seu exército levantasse o cerco da cidade e voltasse para a Assíria, sua terra natal, segundo os textos bíblicos (LUCKENBILL, 1924, p. 26-19).

No entanto, Brevard Childs refutou essa teoria de Luckenbill quando publicou a teoria Stade-Childs (1967), sendo que seu trabalho foi concluído quatro décadas após o falecimento de Daniel Luckenbill, ocorrido em 1927. Segundo Childs (1967), as conclusões da pesquisa de Luckenbill não traziam mudanças significativas na teoria de Stade (1886), pois a falta de uma menção de vitória assíria sobre Jerusalém nos anais reais assírios não servem de prova substancial de que essa vitória não tenha ocorrido. Pois diversos registros foram perdidos ao longo desses dois milênios e meio, além de haverem muitos textos cuneiformes ainda a serem traduzidos (CHILDS, 1976, p. 85).

Desse modo, juntamente com as fontes disponíveis (anais reais assírios e a parte do texto bíblico que concorda com as informações contidas no registro assírio), existem muitas possibilidades da comprovação da vitória completa dos assírios no cerco contra a capital do antigo reino hebreu. Sendo que esse debate será continuado e aprimorado pela atual geração de pesquisadores e também na seguinte. As quais, com o uso de novos métodos e tecnologias, realizarão novas descobertas e desenvolverão novas perspectivas, que irão fundamentar ou contrapor a teoria Stade-Childs (1967) (CHILDS, 1976, p. 86).

Apesar desses contrapontos levantados por Brevard Childs, em defesa da teoria tradicionalista Stade-Childs (1967), alguns assiriologistas do final da segunda metade do século XX, como Antti Laato (1954-presente), William R. Gallagher (1951-presente) e Lester Grabbe (1945-presente), continuaram a questionar diversas conclusões dessa teoria. Isso aconteceu principalmente após as novas informações que Daniel Luckenbill (1924) trouxe a partir dos seus próprios estudos, abrindo novas possibilidades para esses e outros pesquisadores (EVANS, 2008, p. 18).

Dessa forma, Antti Laato (1982) e William R. Gallagher (1991) observaram o forte aspecto propagandístico dos documentos assírios e uma grande possibilidade de manipulação das informações a serem registradas. Dessa forma, ambos os autores não acreditavam em uma vitória completa dos assírios. Mas sim, na existência de algum tipo de empate militar dos assírios contra alguma força militar hostil (possivelmente os egípcios ou os próprios povos rebeldes) que levaram Senaqueribe a criar um status quo ante bellum com as autoridades políticas locais ou com os egípcios. Já Lester Grabbe (2003), professor da Universidade de

Hull, na Inglaterra, produziu as principais pesquisas dessa segunda geração, trazendo contribuições importantes sobre o desfecho das campanhas de Senaqueribe contra a cidade de Jerusalém. (EVANS, 2008, p. 19).

A partir da utilização dos textos de Heródoto, Grabbe (2003), concluiu que esse antigo autor grego teria registrado a narração da campanha de Senaqueribe contra o Reino de Judá na sua coleção denominada de “Histórias”, na qual ele apenas havia substituído os nomes originais dos principais personagens por nomenclaturas gregas. Sendo assim, o segundo livro da obra de Heródoto pode ser compreendido como uma terceira fonte independente dos demais documentos analisados até então, a saber os Anais Reais Assírios e os textos bíblicos (GRABBE, 2003, p. 15-17).

Segundo Grabbe (2003), a narrativa de Heródoto conta que um governante mesopotâmico realizou uma grande expedição militar pelo Levante no tempo do faraó Taharqa (XXV dinastia), conquistando todos os territórios e lançando um grande ataque na fronteira egípcia. Assim, esse faraó pediu ajuda a uma determinada divindade do panteão egípcio para poder enfrentar os invasores. Sendo que essa divindade enviou milhares de ratos que trouxeram caos e muitos problemas para o exército mesopotâmico. Nessa situação, Taharqa aproveitou a desorganização no acampamento inimigo e atacou-os de surpresa, forçando o rei mesopotâmico a recuar com o seu exército (GRABBE, 2003, p. 26-27).

Desse modo, conforme Grabbe (2003), essa investida surpresa dos egípcios foi o principal fator que levou o rei Senaqueribe a enviar ordens para as suas tropas, que cercavam Jerusalém, para que elas levantassem o cerco imediatamente e recuassem para alguma região ao norte, dentro do território sírio e próxima do rio Eufrates. Onde haveria um novo planejamento e reorganização militar que serviria de dissuasão contra qualquer investida egípcia nos territórios da palestina. Desse modo, Jerusalém foi poupada apenas com objetivo do monarca assírio evitar ficar preso entre duas forças hostis, a saber os hebreus e os exércitos egípcios (GRABBE, 2003, p. 37, 45-47).

Além disso, a hipótese levantada por Grabbe (2003), também trouxe uma explicação para o motivo dos assírios terem mantido Ezequias no governo de Judá, mesmo ele sendo um monarca que se rebelou contra os assírios. Pois, se os assírios lutaram contra os egípcios e seu fim foi marcado como um empate ou mesmo derrota das forças assírias perante as tropas egípcias, como a narrativa de Heródoto afirma, o rei assírio Senaqueribe precisava manter um Estado-Tampão que tivesse um certo grau de autonomia política na região. Porque havia chances substanciais dos egípcios aproveitarem essa fraqueza dos assírios e tentassem rever seu controle da região da palestina (GRABBE, 39-40).

Dessa forma, a segunda geração de pesquisadores sobre o desfecho do ataque assírio a cidade de Jerusalém em 701 a.C. trouxe uma revisão da bibliografia tradicional baseada na teoria Stade-Childs (1967). Sendo que essa nova geração desenvolveu diversos trabalhos que mostram a existência de possibilidades de que teria ocorrido algo com as forças armadas assírias para que essas não concluíssem a conquista de Jerusalém, como ocorreu com as capitais dos países que se rebelavam contra a dominação do Império Assírio (EVANS, 2008, p. 8-9).

2.3. TERCEIRA GERAÇÃO (2008-2021): OUTROS MOTIVOS PARA O LEVANTAMENTO DO CERCO

Apesar dos avanços e questionamentos levantados pela segunda geração, com destaque para os estudos produzidos por Daniel Luckenbill (1924) e Lester Grabbe (2003). Suas produções acadêmicas não chegaram a uma conclusão amplamente aceita sobre os fatores que foram cruciais para que levassem os exércitos assírios a levantarem o cerco contra Jerusalém e recuassem para a sua terra natal, a Alta Mesopotâmia, de uma forma tão precoce. Pois Luckenbill (1924) fincou seus trabalhos na tentativa de confirmar que os assírios não foram vitoriosos como a teoria Stade-Childs (1967) defendia. Sendo que Luckenbill conseguiu obter importantes êxitos durante suas pesquisas (EVANS, 2008, p. 12).

Em relação aos estudos realizados por Lester Grabbe (2003), seu objetivo foi defender a hipótese de que os assírios não conquistaram Jerusalém por causa de um conflito indefinido contra os egípcios, que teria ocorrido próximo a fronteira entre o território palestino e a Península do Sinai. Sendo que esse embate inconclusivo levou o rei assírio Senaqueribe a levantar o cerco de Jerusalém antes que seu exército ficasse preso entre as forças dos hebreus e dos egípcios. Dessa forma, o levantamento do cerco e posterior recuo das forças assírias foi uma manobra tática defensiva do exército assírio (EVANS, 2008, p. 13).

No entanto, no final da primeira década do século XXI novas pesquisas levantaram outras possibilidades sobre o repentino fim do ataque assírio contra Jerusalém. Destacando-se os trabalhos realizados por Paul Evans (1962-Presente), professor da Universidade de Calgary. Ele realizou uma reformulação dos estudos de Daniel Luckenbill (1924) e Lester Grabbe (2003), confirmando as pesquisas desses autores. Porém, os estudos de Evans levaram esse pesquisador a discordar das justificativas levantadas pela segunda geração em relação ao fim do cerco assírio à capital do reino de Judá (EVANS, 2008, p. 6).

Assim, de acordo com Evans (2008), o principal fator que fez os assírios recuarem da conquista da cidade de Jerusalém está relacionado a uma possibilidade das tropas assírias terem sido afetadas por uma epidemia de algum tipo de doença que possuía uma rápida e letal propagação. A qual deve ter afetado o acampamento militar assírio durante o cerco a capital do antigo reino hebreu. Pois tanto a obra de Heródoto quanto a de Flávio Josefo expõem indícios e mencionam a possibilidade de uma pestilência ter infectado as tropas assírias (EVANS, 2008, p. 22).

Segundo Evans (2008), o relato de Heródoto narra uma grande infestação de ratos que trouxeram muitos transtornos ao acampamento militar assírio, possivelmente afetando as tropas e seus suprimentos. Já no relato de Flávio Josefo encontra-se a menção de que uma praga afetou todo o exército assírio, causando a morte de uma parcela significativa no número dos soldados e levando o rei Senaqueribe a mandar que o cerco a cidade de Jerusalém fosse encerrado imediatamente e que as tropas restantes regressassem a Alta Mesopotâmia (EVANS, 2008, p. 24-27).

Ambos os relatos (a presença desses roedores e a expansão de uma praga devastadora) podem está relacionados ao clima hostil e árido da região da palestina. O qual deve ter levado esses animais a se sentirem atraídos pelos suprimentos que os assírios estavam carregando para manter suas operações atuantes e em perfeito estado em um ambiente bastante inóspito. Assim, seria possível que os mantimentos dos exércitos assírios (alimentos e água potável) tenham sido contaminados por doenças transmitidas pelos ratos, as quais foram distribuídas por todos os escalões militares, acarretando em diversas baixas nas tropas assírias (EVANS, 2008, p. 29-30).

Além disso, também existe a possibilidade dos hebreus terem utilizado técnicas de destruição dos poços de água potável da região, com o objetivo de enfraquecer o aparato militar dos assírios. Segundo Bittencourt (2020), os antigos hebreus demonstraram muita perícia na habilidade de guerrilha, principalmente na obstrução de poços de água na região da palestina, impedido seus inimigos de terem acesso ao preciso líquido. Sendo os melhores exemplos dessa habilidade guerrilheira se encontrando nos conflitos dos hebreus contra os assírios no século VIII a.C., durante a revolta dos macabeus no século II a.C e contra os romanos na primeira e terceira revolta judaica contra o domínio romano, séculos I d.C e II d.C., respectivamente (BITTENCOURT, 2020, p. 7).

Sendo que tal estratégia de guerrilha levou os assírios a terem acesso a um número reduzido de poços de água. Essa situação acarretava em uma maior possibilidade dessas fontes terem sido contaminadas por alguma pestilência, possivelmente causada por roedores,

que afetou de forma significativa os assírios em todos os níveis da estrutura militar. Isso teria levado o rei Senaqueribe a ordenar o levantamento do cerco e o recuo do seu exército, pois suas tropas possivelmente estariam sofrendo com um elevado número de soldados doentes nos mais variados níveis sintomáticos, desde leves até os mais graves. Dessa maneira, essa hipótese seria a que melhor se adequa com as narrativas existentes nas fontes disponíveis (EVANS, 2008, p. 50-58).

3 UMA ANÁLISE DAS FONTES EMPÍRICAS: CONTEXTO E CONSTRUÇÃO HISTÓRICA

Nesse capítulo será abordado o contexto histórico de cada uma das fontes e os autores que são creditados por serem os responsáveis pelo registro delas, os motivos que levaram a criação desses documentos e os objetivos que cada uma delas possuía no seu meio sociocultural. Além das particularidades e aspectos que cada fonte possui. No último tópico será realizada uma análise e comparação das informações contidas nos documentos disponíveis, para que possam ser conhecidas as perspectivas que essas fontes oferecem sobre a compreensão do desfecho do cerco assírio a cidade de Jerusalém, ocorrido em 701 a.C.

3.1 PRISMA DE SENAQUERIBE (VERSÃO DO PRISMA DO INSTITUTO ORIENTAL, 689 A.C.)

A narração sobre a terceira campanha de Senaqueribe na região do Levante foi registrada em três documentos em formato cilíndrico com caracteres cuneiformes na língua acadiana (idioma oficial do Império Assírio utilizado nos registros administrativos). Essas três fontes compõem os anais reais desse monarca. Dessas três fontes de informações, a mais antiga é o Cilindro de Rassam (fig. 13), cerca de 700 a.C., no qual encontram-se registradas apenas as três primeiras expedições militares do rei Senaqueribe. Esse prisma atualmente está localizado no acervo de antiguidades do Museu de Jerusalém, no moderno Estado de Israel (EVANS, 2008, p. 02-03).

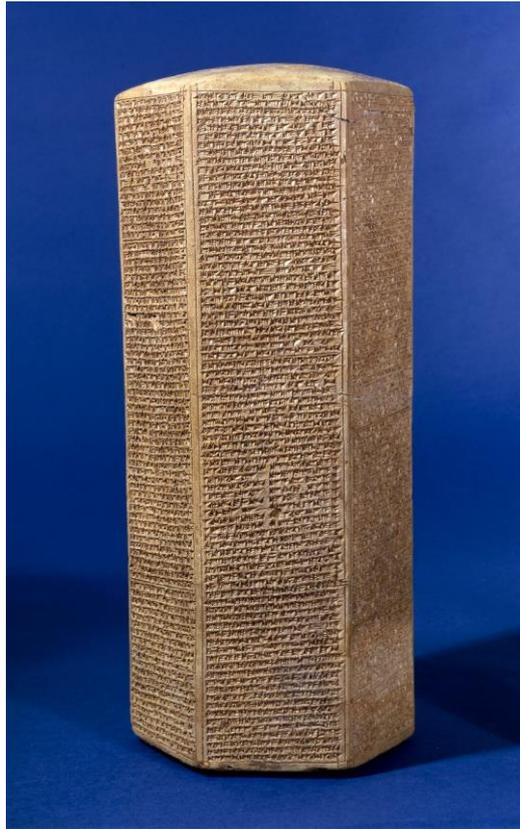
Figura 13 - Anais de Senaqueribe: Prisma de Jerusalém



Fonte: KOTLER, 2008, p. 110

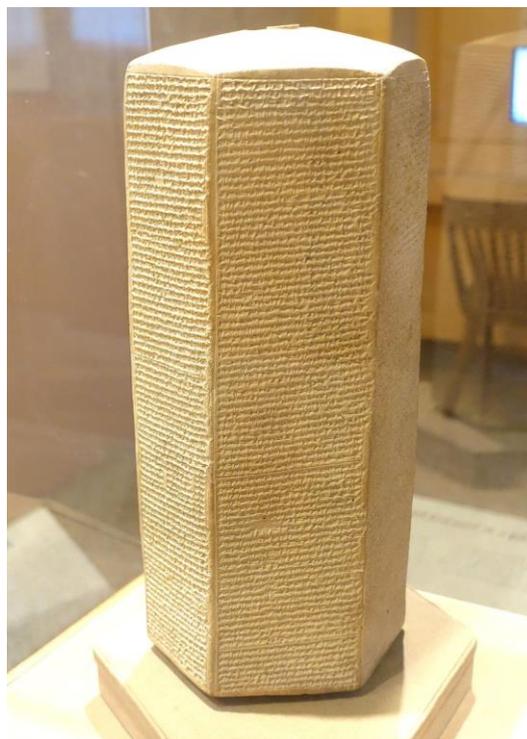
O segundo registro trata-se do chamado Prisma de Taylor (fig. 14), possivelmente escrito em 691 a.C., sendo que esse artefato possui o registro das seis campanhas de Senaqueribe. Esse cilindro se encontra atualmente em exposição no Museu Britânico. Já o Prisma do Instituto Oriental (fig. 15), escrito em 689 a.C., é o mais novo dos três cilindros. Além de apresentar todas as expedições militares do Rei Senaqueribe, também possui o texto mais legível e completo dos três cilindros que narram as expedições desse monarca. Atualmente se encontra no laboratório de antiguidades da Universidade de Chicago (LUCKENBILL, 1924, p. 19-20).

Figura 14 - Anais de Senaqueribe: Prisma de Taylor



Fonte: KOTLER, 2008, p. 111.

Figura 15 - Anais de Senaqueribe: Prisma do Instituto Oriental



Fonte: KOTLER, 2008, p. 112.

Por ser o registro mais completo e legível da Terceira Campanha de Senaqueribe no Levante e sobre o ataque a cidade de Jerusalém (o objeto de estudo desse trabalho), além de ter servido de base para o desenvolvimento das pesquisas dos principais autores que trabalharam essa temática, o Prisma do Instituto Oriental foi a escolha dessa pesquisa para representar as fontes assírias. Seu teor narrativo apresenta de modo detalhado as causas e o desenvolvimento das atividades militares dos assírios, juntamente com a descrição de lugares e o número dos despojos de guerra capturados durante a expedição (LUCKENBILL, 1924, p. 29-39).

Porém deve ser ressaltado que as informações contidas no prisma tratam-se de uma narrativa construída com um objetivo específico e não devem ser entendidos como uma descrição real dos acontecimentos ocorridos. Pois, apesar de ter sido registrado ainda no governo de Senaqueribe e muito próximo ao tempo em que ocorreram os fatos citados, as informações não estão isentas de possuir uma narração tendenciosa, seletiva e voltada a atender os interesses do império. Assim, esse documento se encontra imerso na cosmovisão de mundo que a sociedade assíria possuía na época (BECKING, 1998, apud GRABBE, 2003, p. 50-51).

Dessa maneira, segundo Cardoso e Vainfas (2012, p. 39), a administração estatal usa de diversos meios buscando organizar e construir uma trama social que lhe garante a permanência no poder. Juntamente com a criação de uma figura pública marcada por características que melhor se alinhem ao meio social ao qual o fato histórico em questão pertence. Tais práticas utilizam-se de vários mecanismos para alcançar seus objetivos, sendo um dos exemplos mais icônicos o controle da circulação de informações e o uso massivo de propagandas políticas que apoiem o regime governamental vigente.

Assim, os registros reais dos assírios possuíam a função de expor que os monarcas da Assíria eram devotos e obedientes as suas divindades, que os movimentos de rebelião tinham graves consequências e seriam punidos adequadamente de acordo com os princípios culturais dos assírios. Enquanto que a Assíria era considerada o território mesopotâmico mais importante e o centro do mundo, auxiliando no estabelecimento da paz e na manutenção da ordem cósmica, além da estabilidade do Império e dos seus leais moradores (BECKING, 1998, apud GRABBE, 2003, p. 52-53).

A seguir se encontra a tradução do Prisma do Instituto Oriental realizada por Daniel Luckenbill (1924) sobre a Terceira Campanha de Senaqueribe e seu ataque contra Jerusalém:

“(Col. II) (37) Na minha terceira campanha fui contra a terra dos hititas (38) Lulê, rei de Sidon, —o esplendor aterrorizante (lit. terrores de esplendores) (39) da minha soberania o venceu e longe (40) no meio do mar ele fugiu. (Lá) ele morreu. (41) Grande Sidon, Pequeno Sidon, (42) Bît-Zitti, Zaribtu, Mahalliba, (43) Ushu, Akzib, Akko, (44) suas fortes cidades muradas, onde havia suprimentos (lit. forragem e bebedouros), (45) para suas guarnições, - o terrores da arma de Assur, (46) meu senhor, os dominou e eles curvaram-se em submissão aos meus pés. (47). Tuba’lu I sentado no trono real (48) sobre eles, e tributo, presente (s) para minha majestade, (49) eu impus a ele para sempre, sem cessar. (50) De Menachem, o Shamsimurunite, (51) Tuba’lu, o sidonita, (52). Abdi-liti, o Arvadita, (53). Uru-milki, o Gublite, (54). Mitinti, o Asdodita, (55) Budu-ilu, o Bete-Amonita, (56) Kammusu-nadbi, o moabita, (57) Malik-rammu, o edomita, (58) reis de Amurru, todos eles, numerosos presentes, (59) como sua pesada homenagem, (60) eles trouxeram diante de mim pela quarta vez, e beijaram meus pés. Mas Sidka, (61) rei de Ashkelon, que não se submeteu (62) ao meu jugo, - os deuses de sua casa paterna, ele mesmo, sua esposa, (63) seus filhos, suas filhas, seus irmãos, o semente de sua casa-pai, (64) eu arranquei e trouxe para a Assíria. (65) Sharru-lu-dari, filho de Rukibti, seu antigo rei, (66) Eu coloquei sobre o povo de Ashkelon e (67) impus a ele o pagamento de tributo (na forma de) presentes para minha majestade. (68) Ele aceitou (lit. agüentou) meu jugo. No curso da minha campanha, (69) Beth-Dagon, Joppa, (70) Banaibarka, Asuru, cidades (71) de Sidka, que não se curvaram rapidamente em (72) submissão aos meus pés, eu sitiei, venci, levei seus despojos. (73) Os funcionários, nobres e povo de Ekron, (74) que havia lançado Padi, seu rei, vinculado por (lit. senhor de) juramento e maldição da Assíria, (75) em grilhões de ferro e (76-77) havia dado a ele para Ezequias, o judeu, —ele o manteve confinado como um inimigo, - (78) eles (lit. seu coração) ficaram com medo, (79) e chamaram o egípcio rei, os arqueiros, carros e cavalos (80) do rei de Meluhha (Etiópia), um anfitrião incontável, e (81) estes vieram em seu auxílio. (82) No bairro de Eltekeh, (83) suas fileiras sendo elaboradas antes de mim, (Col.III) (1) eles ofereceram batalha. (Confiando) na ajuda de Assur, (2) meu senhor, eu lutei com eles e (3) causei sua derrota. Os cocheiros egípcios e príncipes, (4) junto com os quadrigários do rei etíope, (5) minhas mãos tomou vida deles no meio da batalha. (6) Eltekeh (e) Timnah (7) Eu sitiei, eu capturei e levei embora seu despojo. (8) Eu me aproximei de Ekron e matei o governadores e nobres (9) que cometeram pecado (isto é, se rebelaram), e (10) pendurei seus corpos em estacas pela cidade. Os cidadãos (11) que pecaram e trataram (Assíria) levemente, eu contei como despojo. (12) O resto deles, que não eram culpados (portadores) de pecado (13) e desprezo, para os quais não havia punição (ou contra quem não houve acusação), (14) eu pronunciei seu perdão. Padi, o rei deles, (15) eu tirei de Jerusalém, (16) o coloquei no trono real sobre eles e (17) impôs a ele meu tributo real. (18) Como por Ezequias, o judeu, (19) que não se submeteu ao meu jugo, 46 de seus fortes, cidades muradas, bem como (20) as pequenas cidades em seus bairros, (21) que eram incontáveis, - nivelei com aríetes (?) (22) e trouxe máquinas de cerco (?), para atacar e atacar a pé, (23) por minas, túneis e brechas (?), sitiei e tomei (aquelas cidades). (24) 200.150 pessoas, grandes e pequenos, machos e fêmeas, (25) cavalos, mulas, jumentos, camelos, (26) bois e ovelhas, sem número, que trouxe (27) e contado como despojo. Ele mesmo, como um pássaro enjaulado (28) Eu o prendi em Jerusalém, sua cidade real. (29) terra escavada eu joguei contra ele, (30) aquele saindo do portão da cidade, voltei-me para sua miséria. (31) As cidades dele, que eu tinha saqueado, eu cortei de sua terra e (32) para Mitinti, rei de Asdod, (33) Padi, rei de Ekron, e Silli-bêl (34) rei de Gaza, eu dei. E (assim) eu diminuí sua terra. (35) Eu adicionei ao tributo anterior, (36) e coloquei sobre ele a entrega () de suas terras, (bem como) imposições - presentes para minha majestade. (37) Quanto a Ezequias, (38) o terrível esplendor de minha majestade o venceu, e (39) o Urbi e suas tropas mercenárias (?) que ele tinha trazido para fortalecer (40) Jerusalém, sua cidade real, (41) o abandonou (lit. despediu-se). Além dos 30 talentos de ouro e (42) 800 talentos de prata, (havia) pedras preciosas, antimônio, (43) joias (?), grandes pedras de sandu, móveis de marfim, (44) cadeiras de marfim, couro de elefante, marfim (lit. de elefante "dentes") (45) ébano (?), buxo (?), todos os tipos de tesouros valiosos (pesados), (46), bem como suas filhas, seu harém, seus servos e suas servas (47) músicos, (que

ele mandou (eles) trazerem depois de mim (48) para Nínive, minha real cidade. Para pagar tributo (49) e aceitar (lit. fazer) servidão, ele despachou seu mensageiros”³.

3.2 FONTES BÍBLICAS: LIVROS DE II REIS E II CRÔNICAS (VERSÃO KING JAMES FIEL, 1611)

Apesar da existência de diversas versões dos Livros de II Reis e II Crônicas, para o desenvolvimento dessa pesquisa foi escolhida a versão King James Fiel (1611). Mesmo sendo produzida por ordem do rei Jaime I da Inglaterra com o objetivo de diminuir as disputas religiosas no solo inglês, no contexto dos conflitos religiosos europeus do século XVII d.C., essa versão apresenta uma produção literária com teor de credibilidade bastante aceito nos centros acadêmicos dedicados aos estudos bíblicos (DANIELL, 2003, p. 432-433).

Seu conteúdo se baseia nos textos originais mais antigos nas línguas hebraica e aramaica, os quais foram estabelecidos como textos canônicos do judaísmo no Concílio de Jamnia, ocorrido entre o final do século I d.C. e o início do século II d.C.. De modo, que o uso dessa fonte irá facilitar em um melhor entendimento de como os antigos hebreus viam e compreendiam o desfecho do ataque assírio a cidade de Jerusalém, ocorrido em 701 a.C. (DANIELL, 2003, p. 434-435).

3.2.1 *Livro de II Reis*

Os Livros de I e II Reis possuem um registro de aproximadamente 400 anos da história do antigo povo hebreu, com a narrativa de II Reis se iniciando a partir do término do reinado do rei Davi, o processo de sucessão e todo o longo reinado de Salomão, o herdeiro do trono. Esse livro continua sua história contando sobre a divisão do reino em dois Estados independentes e rivais entre si (o Reino de Israel ao Norte e o Reino de Judá ao Sul), narrando os principais acontecimentos de ambos, até a conquista e dissolução de cada uma dessas entidades políticas. Com Israel sendo conquistado pelos assírios em 722 a.C., enquanto que Judá foi dissolvido pelos babilônios de origem caldeia no ano 586 a.C. (HOUSE, 1995, p. 71).

Mas estritamente, essa produção literária possui o objetivo de mostrar as causas e o porquê dos antigos hebreus terem perdido as terras que conquistaram e da sua própria autonomia política. Todo o enredo foi construído de acordo com a visão sociocultural daquele povo, a qual possuía forte influência religiosa em todos os âmbitos da sociedade. Mas, um

³ Prisma do Instituto Oriental; Senaqueribe; Terceira Campanha Militar; 689 a.C.; Coluna II - linhas 37-82 e Coluna III - linhas 01-49.

fator fundamental do livro é a sua importância como fonte de informações para o contexto histórico de personagens e eventos da narrativa bíblica. Além disso, ele também foi usado como uma fonte de dados para a construção do livro de crônicas, que será explicado adiante (HOUSE, 1995, p. 72).

Os Manuscritos do Mar Morto de Qumran apresentam a versão mais antiga desse livro a ser encontrada até o momento, com sua data de produção estimada entre 150 e 125 a.C. Com o seu texto sendo significativamente idêntico às produções massoréticas, consideradas as melhores versões transcritas e editadas dos textos bíblicos na língua hebraica. Os textos massoréticos foram produzidos por judeus que eram exímios escribas da cidade de Tiberíades, um dos principais centros culturais da antiga cultura judaica (COGAN; TADMOR, 2008, p. 3-10).

A responsabilidade pela autoria do livro bíblico tem sido uma questão debatida entre os pesquisadores da área a alguns séculos, com as opiniões se dividindo bastante. A obra não informa quem foi seu autor, como ocorre em alguns dos textos bíblicos, com alguns estudiosos, como Wiseman (1993), pontuando que o responsável pelo registro construiu cuidadosamente a narrativa do livro, utilizando-se de outras fontes documentais e acrescentando seus próprios comentários. Tendo como possível data de produção algum momento posterior a segunda metade do século VI a.C. (HOUSE, 1995, p. 28-34).

Há também um grande debate em relação à autoria, se foi única ou escrita por autores de períodos diferentes. A tradição da religião judaica informa que o responsável pelo registro do Livro de Reis teria sido o profeta Jeremias, pois o final do livro de II Reis e do livro de Jeremias são praticamente idênticos. Porém, esse ponto de vista está relacionado à própria tradição bíblica, a qual atribui o registro dos textos canônicos aos profetas. Outra hipótese é a sugestão de um autor judaico do período do exílio babilônico, no século VI a.C. Keil e Driver (1890) afirmavam que a escrita teológica e a fraseologia do Livro de Reis era específica apenas para esse texto canônico. Assim, havia grandes possibilidades de apenas uma pessoa ter sido responsável pela escrita (HOUSE, 1995, p. 69-70).

Em 1943, o pesquisador M. Noth aumenta o embasamento da teoria de um único autor, na qual os livros de Josué, Juízes, Samuel e Reis teriam seus textos tão similares nos quesitos teológicos e linguísticos. Além de haver uma extensa influência da teologia do livro de Deuteronômio, com essa situação gerando grandes possibilidades de todos esses textos bíblicos terem sido escritos por um mesmo autor. Dessa forma, a teoria de Noth passou a ser mais aceita nos espaços acadêmicos, com a maioria dos estudiosos apenas realizando pequenas modificações e ajustes (KOTLER, 2012, p. 2-5).

Já os defensores da hipótese de dois ou mais autores responsáveis pelo registro, como Wiseman (1993), defendem que a autoria teria ocorrido em períodos históricos diferentes. Na qual a maior parte do Livro de Reis tinha sido escrita durante o reinado de Josias (século VII a.C.), por um escritor que defendia a monarquia davídica do Reino de Judá (sul) em oposição as sucessivas dinastias que ocuparam o Reino de Israel (norte). Sendo que logo após a conquista de Judá pelos babilônicos (século VI a.C.), algum copista realizou uma revisão e atualização do texto de Reis, informando as causas que levaram ao declínio e destruição do Reino de Judá (COGAN, TADMOR, 2008, p. 3-5).

Em relação ao gênero literário, pesquisadores como House (1995) e Wiseman (1993), alegam que seria uma mescla de narrativa teológica e histórica. Pois o texto do livro apresenta uma narrativa de sucessão coerente, lugares e acontecimentos que são atestados pelos diversos documentos disponíveis (textos e iconografias) e pelos estudos arqueológicos. Porém, deve ser ressaltado que toda a narração está construída a partir da perspectiva religiosa dos antigos hebreus. Assim, o registro apresenta uma constante intervenção divina no desenvolvimento da narrativa (HOUSE, 1995, p. 45-59).

Além disso, de acordo com Savran (1978), o autor responsável pelo registro do Livro de Reis utilizou-se de outras fontes para a construção do texto. Realizando frequentemente em alguns capítulos a menção a algumas das referências, as quais só temos apenas citações dentro do próprio texto bíblico. Dessa forma, o próprio escritor informa que seu registro apenas pontuou alguns eventos ocorridos em cada reinado, sendo necessário a consulta ao Livro da História dos Reis de Israel e o Livro dos Reis de Judá, para que haja uma maior compreensão dos fatos ocorridos (ALTER, 1997, p. (160-162).

Possivelmente essas fontes externas deviam ter sido baseadas em registros das cortes reais dos reinos de Israel e Judá. Nos quais haveriam diversas informações pertinentes a vários ocorridos, como as reformas realizadas durante os diversos reinados, a lista dos tributos arrecadados, as transações comerciais que ocorriam (internas e externas), as narrativas de sucessão monárquicas, os conflitos e as relações diplomáticas. Sendo que esses anais reais eram bastante comuns no mundo do Antigo Oriente Médio, como ocorria nos registros reais dos assírios, babilônicos e hititas (KOTLER, 2012, p. 3-7).

A seguir se encontra disponível o texto de II Reis (versão King James Fiel, 1611) que narra a Terceira Campanha de Senaqueribe e o ataque contra Jerusalém, a partir da visão religiosa dos antigos hebreus:

“2 Reis 18

- 1) Ora, sucedeu, no terceiro ano de Oseias, filho de Elá, rei de Israel, que Ezequias, o filho de Acaz, rei de Judá, começou a reinar.
- 2) Vinte e cinco anos de idade tinha ele quando começou a reinar; e reinou vinte e nove anos em Jerusalém. O nome da sua mãe também era Abi, a filha de Zacarias.
- 3) E ele fez aquilo que era reto à vista do Senhor, segundo tudo o que Davi, o seu pai, fez.
- 4) Ele removeu os lugares altos, e quebrou as imagens, e cortou os bosques, e quebrou em pedaços a serpente de bronze que Moisés havia feito; porque até aqueles dias, os filhos de Israel queimavam incenso para ela; e ele a chamou de Neustã.
- 5) Ele confiou no Senhor Deus de Israel; de modo que depois dele não houve nenhum como ele entre todos os reis de Judá, tampouco algum que foi antes dele.
- 6) Porque ele se apegou ao Senhor, e não se afastou de segui-lo, mas guardou os seus mandamentos, os quais o Senhor ordenou a Moisés.
- 7) E o Senhor esteve com ele; e ele prosperava para onde quer que saísse; e ele se rebelou contra o rei da Assíria, e a ele não serviu.
- 8) Ele feriu os filisteus, a saber, até Gaza, e os seus limites, desde a torre dos atalaias, até a cidade fortificada.
- 9) E sucedeu, no quarto ano do rei Ezequias, o qual era o sétimo ano de Oseias, filho de Elá, rei de Israel, que Salmaneser, rei da Assíria, subiu contra Samaria, e a sitiou.
- 10) E ao fim de três anos, eles a tomaram; a saber, no sexto ano de Ezequias, que é o nono ano de Oseias, rei de Israel, Samaria foi tomada.
- 11) E o rei da Assíria conduziu Israel para a Assíria, e os pôs em Hala e em Habor junto ao rio de Gozã, e nas cidades dos medos;
- 12) porque eles não obedeceram à voz do Senhor seu Deus, mas transgrediram o seu pacto, e tudo o que Moisés, o servo do Senhor ordenou, e não quiseram ouvi-los, nem fazê-los.
- 13) Ora, no décimo quarto ano do rei Ezequias, Senaqueribe, rei da Assíria, subiu contra todas as cidades fortificadas de Judá, e as tomou.
- 14) E Ezequias, rei de Judá, enviou ao rei da Assíria, a Laquis, dizendo: Tenho ofendido; retorna-te de mim; aquilo que tu impuseres sobre mim, desejo suportar. E o rei da Assíria indicou a Ezequias, rei de Judá, trezentos talentos de prata e trinta talentos de ouro.
- 15) E Ezequias lhe deu toda a prata que foi encontrada na casa do Senhor, e nos tesouros da casa do rei.
- 16) Naquele tempo, Ezequias, rei de Judá, cortou o ouro das portas do templo do Senhor e das colunas que Ezequias havia revestido, e entregou-os ao rei da Assíria.
- 17) E o rei da Assíria enviou Tartã e Rabe-Saris e Rabsaqué, de Laquis, para o rei Ezequias com um grande exército contra Jerusalém. E eles subiram e chegaram a

Jerusalém. E quando eles haviam subido, eles vieram e se puseram de pé junto ao canal do tanque superior, o qual está no caminho principal do campo do lavandeiro.

18) E quando eles haviam chamado o rei, saiu-lhes ali Eliaquim, o filho de Hilquias, o qual estava encarregado da casa, e Sebna, o escriba, e Joá, o filho de Asafe, o cronista.

19) E Rabsaqué disse a eles: Falai agora a Ezequias: Assim diz o grande rei, o rei da Assíria: Que confiança é essa na qual confias?

20) Tu dizes (mas não passam de palavras vãs): Eu tenho conselho e poder para a guerra. Ora, em quem tu confias, que te rebelas contra mim?

21) Ora, eis que tu confias na vara deste junco esmagado, a saber, no Egito, sobre o qual, se um homem se encostar, ele penetrará na sua mão, e a furará; assim é Faraó, o rei do Egito, com todos os que nele confiam.

22) Mas, se vós me disserdes: Nós confiamos no Senhor, nosso Deus; não é ele aquele cujos lugares altos e cujos altares Ezequias retirou, e que disse a Judá e Jerusalém: Vós adorareis diante deste altar em Jerusalém?

23) Agora, portanto, rogo-te, dá garantias ao meu senhor, o rei da Assíria, e eu te entregarei dois mil cavalos, se fores capaz, de tua parte, de colocares cavaleiros sobre eles.

24) Como, então, virarás tu a face para um capitão do menor dos servos do meu senhor, e depositarás a tua confiança no Egito por carruagens e por cavaleiros?

25) Ora, subi eu sem o Senhor contra este lugar para destruí-lo? O Senhor disse a mim: Sobe contra essa terra, e a destrói.

26) Então, disseram Eliaquim, o filho de Hilquias, e Sebna, e Joá, a Rabsaqué: Rogamos- te que fales aos teus servos em língua síria; porque nós a compreendemos e não conversa conosco na língua dos judeus aos ouvidos do povo que está sobre o muro.

27) Porém Rabsaqué disse-lhes: Enviou-me o meu senhor ao teu senhor, e a ti, para falar estas palavras? Não me enviou ele aos homens que se assentam o muro, para que eles possam comer convosco do seu próprio escremento, e beber do seu próprio mijo?

28) Então, Rabsaqué se pôs de pé e gritou em alta voz na língua dos judeus, e falou, dizendo: Ouvi a palavra do grande rei, o rei da Assíria.

29) Assim diz o rei: Não deixeis Ezequias enganar-vos; porque ele não será capaz de vos livrar da sua mão;

30) nem deixai Ezequias fazer-vos confiar no Senhor, dizendo: O Senhor certamente nos livrará, e esta cidade não será entregue na mão do rei da Assíria.

31) Não atenteis a Ezequias; pois assim diz o rei da Assíria: Fazei um pacto comigo por um presente, e saí até mim, e então comi cada um de vós da sua própria vinha, e cada um da sua figueira, e bebei, cada um de vós, das águas da sua cisterna;

32) até que eu venha e vos remova para uma terra semelhante a vossa própria terra, uma terra de milho e vinho, uma terra de pão e vinhas, uma terra de oliveiras, de azeite e de mel, para que possais viver, e não morrer; e não atenteis a Ezequias, quando ele vos persuadir, dizendo: O Senhor nos livrará.

33) Algum dos deuses das nações já livrou toda a sua terra da mão do rei da Assíria?

34) Onde estão os deuses de Hamate, e de Arpade? Onde estão os deuses de Sefarvaim, de Hena e de Iva? Eles livraram Samaria da minha mão?

35) Quem são eles entre todos os deuses das terras, que tenham livrado a sua terra da minha mão, para que o Senhor livre Jerusalém da minha mão?

36) Porém o povo reteve a sua paz, e não lhe respondeu uma palavra sequer; porque a ordem dita pelo rei foi: Não o respondais.

37) Então vieram Eliaquim, o filho de Hilquias, o qual estava a cargo da casa, e Sebna, o escriba, e Joã, o filho de Asafe, o cronista, até Ezequias com as suas vestes rasgadas, e lhe contaram as palavras de Rabsaqué.

2 Reis 19

1) E sucedeu, quando o rei Ezequias ouviu isto, que ele rasgou as suas vestes, e se cobriu com pano de saco, e entrou na casa do Senhor.

2) E ele enviou Eliaquim, o qual estava a cargo da casa, e Sebna, o escriba, e os anciãos dos sacerdotes, cobertos com pano de saco, a Isaías, o profeta, filho de Amoz.

3) E eles lhe disseram: Assim diz Ezequias: Este dia é um dia de perturbação, e de repreensão, e blasfêmia; porque os filhos chegarão ao nascimento, e não há força para trazê-los à luz.

4) Pode ser que o Senhor teu Deus ouça todas as palavras de Rabsaqué, a quem o rei da Assíria, o seu senhor, tem enviado para repreender o Deus vivente; e repreve as palavras que o Senhor teu Deus tem ouvido; pelo que ergue a tua oração pelo remanescente que restou.

5) Assim, os servos do rei Ezequias vieram até Isaías.

6) E Isaías disse-lhes: Assim direis vós ao vosso senhor: Assim diz o Senhor: Não temais as palavras que tens ouvido, com as quais os servos do rei da Assíria têm me blasfemado.

7) Eis que enviarei uma rajada de vento sobre ele, e ele ouvirá um rumor, e retornará para a sua própria terra; e farei com que ele caia pela espada na sua própria terra.

8) Assim, Rabsaqué retornou e achou o rei da Assíria guerreando contra Libna; porque tinha ouvido que ele havia partido de Laquis.

9) E, quando ele ouviu dizer de Tiraca, rei da Etiópia: Eis que ele saiu para lutar contra ti; ele enviou novamente mensageiros até Ezequias, dizendo:

- 10) Assim falareis a Ezequias, rei de Judá, dizendo: Não deixes que o teu Deus, no qual tu confias, engane-te, dizendo: Jerusalém não será entregue na mão do rei da Assíria.
- 11) Eis que tu tens ouvido o que os reis da Assíria têm feito a todas as terras, ao destruí-las por completo; e serás tu livrado?
- 12) Têm os deuses das nações as livrado aquelas que os meus pais têm destruído; e Gozã, e Harã e Rezefe, e os filhos de Éden, os quais estavam em Telassar?
- 13) Onde está o rei de Hamate, e o rei de Arpade, e o rei da cidade de Sefarvaim, de Hena e de Iva?
- 14) E Ezequias recebeu a carta das mãos dos mensageiros, e a leu; e Ezequias subiu para dentro da casa do Senhor, e a estendeu diante do Senhor.
- 15) E Ezequias orou diante do Senhor, e disse: Ó Senhor, Deus de Israel, que habitas no meio dos querubins, tu és o Deus, tão somente tu, de todos os reinos da terra; tu criaste o céu e a terra.
- 16) Senhor, abaixa o teu ouvido, e ouve; abre, Senhor, os teus olhos, e vê; e ouve as palavras de Senaqueribe, as quais ele enviou para repreender o Deus vivente.
- 17) Verdadeiramente, Senhor, os reis da Assíria têm destruído as nações e as suas terras,
- 18) e lançado os seus deuses ao fogo; porque eles não eram deuses, senão obra das mãos de homens, madeira e pedra; por isso eles os destruíram.
- 19) Agora, portanto, Ó Senhor nosso Deus, eu te suplico, salva-nos da sua mão, para que todos os reinos da terra possam saber que tu és o Senhor Deus, tão somente tu.
- 20) Então, Isaías, o filho de Amoz, mandou dizer a Ezequias: Assim diz o Senhor Deus de Israel: Quanto ao que tens orado a mim contra Senaqueribe, rei da Assíria, eu ouvi.
- 21) Esta é a palavra que o Senhor tem falado a respeito dele: A virgem, a filha de Sião, tem te desprezado, e riu de ti para zombar-te; a filha de Jerusalém meneou a sua cabeça diante de ti.
- 22) A quem tens repreendido e blasfemado? E contra quem tens exaltado a tua voz, e erguido os teus olhos ao alto? De fato, contra o Santo de Israel.
- 23) Pelos teus mensageiros tu tens repreendido o Senhor, e tens dito: Com a multidão das minhas carruagens subi até as alturas dos montes, até as encostas do Líbano, e cortarei os seus altos cedros, e os seus melhores ciprestes; e entrarei nos alojamentos dos seus limites, e na floresta do seu Carmelo.
- 24) Tenho cavado e bebido águas estranhas, e com a sola do meu pé tenho secado todos os rios dos lugares sitiados.
- 25) Não tens ouvido há muito tempo como eu tenho feito isto, e de tempos antigos que eu o formei? Agora fiz isto suceder, para que tu fosses devastar as cidades fortificadas tornando-as em montes de ruínas.

- 26) Portanto, os seus habitantes tinham pouco poder, ficaram atônitos e confusos; eles eram como a erva do campo, e como a erva verde, como a erva no alto das casas, e como o milho ressecado antes de ter crescido.
- 27) Porém, conheço o teu assentar, e o teu sair e o teu entrar, e a tua fúria contra mim.
- 28) Porque a tua fúria contra mim e o teu tumulto subiu aos meus ouvidos, portanto colocarei o meu gancho no teu nariz, e o meu freio nos teus lábios, e te farei retornar pelo caminho pelo qual vieste.
- 29) E este será um sinal para ti: Vós comereis neste ano as coisas que crescem por si mesmas, e no segundo ano aquilo que brotar das mesmas; e no terceiro ano semearéis, e colhereis, e plantareis vinhas, e comereis dos seus frutos.
- 30) E o remanescente que tiver escapado da casa de Judá ainda lançará raízes para baixo, e dará o seu fruto para cima.
- 31) Porque de Jerusalém sairá um remanescente, e aqueles que escaparam do monte Sião; o ciúme do Senhor dos Exércitos fará isto.
- 32) Portanto, assim diz o Senhor acerca do rei da Assíria: Ele não entrará nesta cidade, nem atirá uma flecha sequer ali, nem virá diante dela com o escudo, tampouco fará um aterro contra ela.
- 33) Pelo caminho que veio, pelo mesmo caminho ele haverá de voltar, e não entrará nesta cidade, diz o Senhor.
- 34) Porque eu defenderei esta cidade, para salvá-la, por causa de mim mesmo, e por causa do meu servo Davi.
- 35) E sucedeu pois, naquela noite, que o anjo do Senhor saiu, e feriu no acampamento dos assírios cento e oitenta e cinco mil; e quando eles se levantaram de manhã cedo, eis que eles eram todos corpos mortos.
- 36) Assim, Senaqueribe, rei da Assíria partiu. Retornou e habitou em Nínive.
- 37) E sucedeu que, enquanto ele estava adorando na casa de Nisroque, o seu deus, que Adrameleque e Sarezer, seus filhos, o feriram com a espada; e eles escaparam para a terra da Armênia. E Esar-Hadom, o seu filho, reinou no seu lugar”⁴.

3.2.2 Livro de II Crônicas

Diferente do que ocorre no Livro de Reis, em Crônicas temos uma narrativa bastante extensiva da história e cultura dos antigos hebreus. Expondo desde as suas raízes, através do relato bíblico de Adão e o início do mundo, até o reinado de Ciro II da Pérsia (cognominado o Grande), o qual sancionou um edito em 537 a.C., aprovando o retorno dos hebreus exilados na

⁴ II Reis; Versão King James Fiel; Senaqueribe invade Judá; 1611 d.C.; II Reis, capítulos 18:01-37 e 19:01-37;

Babilônia a voltarem para a sua terra natal. A história desse livro possui uma narração paralela muito próxima das informações contidas nos livros de Samuel e Reis, principalmente com esse último. Porém, Crônicas apresenta mais do que apenas uma síntese dos conteúdos existentes nesses livros, estabelecendo aspectos distintos e importantes, como a presença de informações ausentes em Samuel e Reis, mas que são imprescindíveis para a compreensão do contexto desses dois livros (CHILDS, 1976, p. 106-107).

De acordo com Japhet (1993), na versão grega do texto, denominada de Septuaginta, e na versão latina, nomeada de Vulgata, Crônicas foi denominada de “paralipomena”, que em uma tradução mais concisa significaria “coisas deixadas de fora”. Dessa forma, pode-se compreender esse livro como tendo um conjunto de informações adicionais que não fazem parte dos livros de Samuel e Reis. Mas que são essenciais para o entendimento dos relatos existentes em ambos os livros, seja a nível político, religioso, econômico, social ou cultural (MYERS, 2009, p. 18-19).

Em relação a autoria, a tradição judaica defende que o livro foi escrito por Esdras “o escriba”, o qual também é creditado ser o responsável pelos livros de Neemias e Esdras. Apesar, de não aceitarem esse personagem bíblico como o responsável pelo desenvolvimento do Livro de Crônicas, muitos pesquisadores concordam com a teoria de uma única autoria, como Jacob M. Myers (2009), Albright (1986), M. Noth (1943) e W. Rudolph (1978). A partir da qual eles adotaram a nomenclatura de “cronista” para se referir ao escritor de Crônicas. Sendo que esse autor possivelmente fazia parte dos círculos dos sacerdotes, e depois de ter escrito esse livro, as gerações seguintes apenas introduziram adições e adaptações no texto concluído (BERLIN, BRETTLER, 2004, p. 1712).

Sobre o período, ainda há bastante debates entre os principais autores na área, mas atualmente o consenso comum coloca a produção da obra em algum momento dos séculos VI a.C. e II a.C.. Com uma maior probabilidade focando em torno do século IV a.C., na fase de transição entre o fim do período persa e o início do período helenístico (JAPHET, 2009, p. 24-28). Em relação ao gênero literário, o Livro de Crônicas apresenta uma certa semelhança ao Livro de Reis, onde se encontra a mesma mescla entre uma obra teológica e uma histórica. Em Crônicas há uma maior ênfase nos aspectos religiosos, quando comparados as informações sobre o contexto histórico (MYERS, 2009, p. 20-21).

Deve ser ressaltado que ambos os textos bíblicos são obras de caráter religioso e voltados a narrar a perspectiva de mundo que os antigos hebreus possuíam. Essas obras apresentam um panorama bastante importante sobre o contexto histórico das complexidades políticas e diplomáticas existentes entre as antigas entidades políticas que ocuparam e

dominaram o Antigo Oriente Médio. Tais registros fornecem diversas informações que ajudam na compreensão sobre esse tempo tão remoto (MYERS, 2009, p. 09-12).

A seguir se encontra disponível o texto de II Crônicas (versão King James Fiel, 1611) que narra a Terceira Campanha de Senaqueribe e o ataque contra Jerusalém, a partir da visão religiosa dos antigos hebreus:

“2 Crônicas 32

- 1) Depois destas coisas, e do seu estabelecimento, Senaqueribe, rei da Assíria, veio e entrou em Judá, e acampou contra as cidades fortificadas, pensando em apoderar-se delas.
- 2) E quando Ezequias viu que Senaqueribe estava vindo, e que ele intentava lutar contra Jerusalém,
- 3) ele tomou conselho com os seus príncipes e os seus homens poderosos para interromper as águas das fontes que estavam fora da cidade; e eles o ajudaram.
- 4) Assim, ali se reuniu muito povo, que interrompeu todas as fontes, e o ribeiro que corria pelo meio da terra, dizendo: Por que viriam os reis da Assíria, e achariam tantas águas?
- 5) Ele também se fortaleceu, e edificou todo o muro que estava quebrado, e o ergueu até as torres, e outro muro por fora, e reparou Milo na cidade de Davi, e fez armas e escudos em abundância.
- 6) E ele colocou capitães de guerra sobre o povo, e os reuniu a ele na rua do portão da cidade, e falou-lhes de modo consolador, dizendo:
- 7) Sede fortes e corajosos, não temais, nem desfaleçais por causa do rei da Assíria, nem por toda a multidão que está com ele; porque há mais conosco do que com ele.
- 8) Com ele está um braço de carne; mas conosco está o Senhor nosso Deus para nos ajudar, e para lutar as nossas batalhas. E o povo descansou sobre as palavras de Ezequias, rei de Judá.
- 9) Depois disso, Senaqueribe, rei da Assíria, enviou os seus servos a Jerusalém, (mas ele pessoalmente lançou cerco contra Laquis, e todo o seu poder consigo), a Ezequias, rei de Judá, e a todo o Judá que estava em Jerusalém, dizendo:
- 10) Assim diz Senaqueribe, rei da Assíria: Em que confiais vós, para que permaneçais no cerco em Jerusalém?
- 11) Não vos persuadiu Ezequias a vos entregar à morte pela fome e pela sede, dizendo: O Senhor nosso Deus nos livrará da mão do rei da Assíria?
- 12) Não é Ezequias o mesmo que removeu os seus lugares altos e os seus altares, e ordenou a Judá e a Jerusalém, dizendo: Vós adorareis diante de um altar, e queimareis incenso sobre ele?
- 13) Não sabeis vós o que eu e os meus pais temos feito a todos os povos de outras terras? Foram os deuses das nações daquelas terras, de alguma forma, capazes de livrar as suas terras da minha mão?
- 14) Quem dentre todos os deuses daquelas nações que meus pais destruíram, o que pôde livrar o seu povo da minha mão, para que vosso Deus vos possa livrar da minha mão?
- 15) Agora, portanto, que Ezequias não vos engane, nem vos persuade dessa maneira, nem tampouco acredite nele; porque nenhum deus de nação ou reino algum foi capaz de livrar o seu povo da minha mão, e da mão dos meus pais; quanto menos vos livrará da minha mão o vosso Deus?
- 16) E os seus servos falaram ainda mais contra o Senhor Deus, e contra o seu servo Ezequias.
- 17) Ele também escreveu cartas para repreender o Senhor Deus de Israel, e para falar contra ele, dizendo: Assim como os deuses das nações de outras terras não livraram o seu povo da minha mão, também o Deus de Ezequias não livrará o seu povo da minha mão.

18) Então, eles gritaram com voz alta, na língua dos judeus, para o povo de Jerusalém que estava sobre o muro, para amedrontá-los e perturbá-los; para que eles pudessem tomar a cidade.

19) E eles falaram contra o Deus de Jerusalém, como contra os deuses dos povos da terra, os quais eram a obra das mãos de homem.

20) E o rei Ezequias e o profeta Isafas, filho de Amoz, oraram para esta causa, e clamaram ao céu.

21) E o Senhor enviou um anjo, o qual cortou fora todos os homens fortes e valentes, e os líderes e os capitães no acampamento do rei da Assíria. Então ele retornou, com vergonha na face, à sua própria terra. E quando ele entrou na casa do seu deus, aqueles que saíram das suas próprias entranhas o mataram ali com a espada.

22) Assim, o Senhor salvou Ezequias e os habitantes de Jerusalém da mão de Senaqueribe, o rei da Assíria, e da mão de todos os outros, e os guiou por todos os lados”⁵.

3.3. HISTÓRIAS, VOLUME II (VERSÃO DE HERÓDOTO, 440-430 A.C.)

O entendimento que a sociedade grega possuía sobre a cultura e a história das sociedades do Antigo Oriente Médio era em muitos casos bastante parcial, distorcido e repleto de uma visão imagética mística e permeada de mistérios. Além de um pensamento pejorativo e xenófobo. Os gregos viam os povos que possuíam culturas diferentes da sua como estranhos e atrasados, e os denominavam de bárbaros. Sendo expoentes desse tipo de visão as obras de Homero (século IX a.C.) e Hecateu de Mileto (século VI a.C.) (GRABBE, 2003, p. 37).

Porém, alguns autores eram mais seletivos na descrição dos seus relatos, como ocorreu na obra de Heródoto de Halicarnasso (século V a.C.). Apesar de utilizar na sua narração termos pejorativos com as sociedades que possuíam um estilo de vida diferente dos gregos, ele buscou fazer uma investigação sobre os interesses existentes no seu objeto de pesquisa, a saber, as causas e o desenrolar das Guerras Médicas. Assim, Heródoto trás uma visão que possui um foco maior na ação humana do desenvolvimento dos fatos, do que propriamente uma intervenção divina direta (GRABBE, 2003, p. 38-39).

A obra de Heródoto, intitulada, “histórias”, divide-se em nove livros que buscam trazer uma explicação sobre questões relacionadas a guerra entre os gregos e persas (século V a.C.). Nesse relato o autor busca narrar as gênesis da indisposição entre as culturas gregas e persas, o início das hostilidades, a escalada do conflito, os principais acontecimentos e seus personagens. Além disso, ele também aborda diversos aspectos da cultura, arquitetura e engenharia das regiões que supostamente tenha percorrido, como Egito, Anatólia, Levante,

⁵ II Crônicas; Versão King James Fiel; Senaqueribe invade Judá, e Deus destrói o seu exército; 1611 d.C.; II Crônicas, capítulo 32:01-22

Mesopotâmia, Pérsia e as estepes entre o Mar Negro e o Mar Cáspio (WOORTMANN, 2000, p. 10-15).

Deve ser ressaltado, que Heródoto não utilizou os nomes reais dos personagens presentes no seu relato, de modo que as nomenclaturas foram trocadas e adaptadas para nomes em grego, como ocorre nos casos dos faraós egípcios Sabacos e Setos, respectivamente Shabaka (ou Taharqa, em algumas inscrições) e Shebitku, pertencentes a vigésima quinta dinastia egípcia (século VIII a.C.). Apesar dessa incoerência nas nomenclaturas, boa parte dos fatos narrados possuem um certo embasamento historiográfico, os quais são fundamentados quando comparados a outras fontes disponíveis sobre um mesmo relato, seja de origem escrita, iconográfica ou arqueológica (BESSELAAR, 1962, p. 45-46).

Em relação ao desfecho do ataque assírio a cidade de Jerusalém, ocorrido em 701 a.C., Grabbe (2003) concluiu que o relato da obra de Heródoto seria um registro útil para a compreensão do desfecho da Terceira Campanha de Senaqueribe na região do Levante (século VIII a.C.). Na qual, o autor grego trás uma perspectiva diferente dos anais assírios e dos textos bíblicos sobre os acontecimentos narrados. Utilizando a narrativa desse documento como uma terceira fonte independente das demais. Sendo que o próprio Heródoto informa que suas informações foram recolhidas durante a sua estadia no Egito, onde ele teve alguns encontros com os sacerdotes locais, que lhes contaram sobre essa campanha assíria e seu desfecho (GRABBE, 2003, p. 134-139).

Vale ressaltar que Heródoto menciona o nome do rei assírio Senaqueribe como sendo o monarca Sanacáribos, rei dos árabes (outra nomenclatura erroneamente utilizada por Heródoto para citar os assírios). Sendo que Grabbe (2003), confirma que apesar das nomenclaturas diferentes, este relato do autor grego se trata dessa campanha de Senaqueribe por apresentar muitos aspectos comuns. Entre eles se destaca o local do enfrentamento entre as tropas assírias e egípcias em Elteque, a possível ameaça de invasão do Egito por um grande exército vindo do norte, a menção do faraó Taharqa liderando as forças militares dos egípcios, e a repentina e desconhecida retirada dessas tropas da região. Assim, esses argumentos apontam que o registro de Heródoto se trata da Terceira Campanha de Senaqueribe (GRABBE, 2003, p. 138-139).

Do mesmo modo, Laato (1995) e Mayer (1993), também compartilham da mesma perspectiva defendida por Grabbe (2003). Segundo a qual a obra de Heródoto realmente pode ser entendida como uma testemunha histórica da campanha assíria ocorrida em 701 a.C.. De acordo com Mayer (1993), tal relato deveria ter se originado de uma tradição local. A qual foi transmitida para as seguintes gerações de sacerdotes, até chegar no período que Heródoto

supostamente teria visitado o Egito. Pois os líderes religiosos egípcios eram tidos como os guardiões da memória egípcia, conservando os principais acontecimentos do passado dessa sociedade (GRABBE, 2003, p. 171).

Assim, a obra de Heródoto possui um caráter de fonte independente dos demais documentos que fazem parte do desenvolvimento dessa pesquisa, a saber, os Anais Reais Assírios e os textos bíblicos. Sendo que o relato desse autor grego antigo expõe informações pertinentes que auxiliam no entendimento sobre o desfecho do ataque assírio a cidade de Jerusalém. Tendo como base o ponto de vista dos egípcios sobre esse acontecimento (LAATO, 1995, p. 201-215).

A seguir se encontra disponível o relato contido no livro II de Heródoto, o qual possui a narrativa sobre a Terceira Campanha de Senaqueribe:

“(...) Depois desse rei etíope, houve um sacerdote de Hefesto, cujo o nome era Séton. Este não levava em conta os guerreiros egípcios, porque os desdenhava, como se não necessitasse de nenhum deles; de fato, cometeu outras desonras contra eles, retirando-lhes os seus campos férteis; às épocas dos reis anteriores, eram concedidos a cada um deles doze campos férteis como honras especiais. Depois disso, o grande exército do Sanacáribos, o rei dos árabes edos assírios, marchou contra o Egito; então, os guerreiros egípcios não queriam ir socorrê-lo. Tomado por essa dificuldade, o sacerdote foi para o santuário do templo para lamentar profundamente diante da estátua do deus pelas vicissitudes que ocorria o risco de sofrer. Mas, enquanto ele lamentava, sobreveio-lhe um sono e ele acreditou na visão de que o deus estava ao seu lado e o encorajava, porque nenhuma desgraça sofreria se ele marchasse contra o exército árabe; pois ele mesmo lhe enviaria seus defensores. Por tais impressões, de fato, ficou confiante nessas palavras inspiradas pelo deus, convidou os egípcios e persuadiu alguns dos que havia reunido a realizar uma expedição militar em Pelúcio (pois, nesse lugar, estavam as entradas do Egito); mas nenhum dos homens guerreiros estava em sua companhia, então foi acompanhado por homens que eram pequenos comerciantes, artífices e marcadores. Quando os invasores chegaram lá... ratos dos campos se espalharam sobre eles para comer suas aljavas, seus arcos e flechas elas correias para empunhar seus escudos; a ponto de, no dia seguinte, eles fugirem despojados de suas armas, e muitos bombaram. Ainda hoje, esse rei está de pé no templo de Hefesto, na forma de uma estátua de pedra, com um rato na sua mão, que diz, por meio de inscrições, as seguintes palavras: “Seja temente ao deus olhando para mim”⁶.

3.4 ANTIGUIDADES JUDAICAS (VERSÃO DE FLÁVIO JOSEFO, 93-94 D.C.)

A obra Antiquidades Judaicas (93-94 d.C.) de Flávio Josefo, narra a história dos antigos hebreus, a partir das próprias particularidades culturais, religiosas e sociais desse povo. Sua narrativa consiste no relato que se estende desde o início do mundo até a destruição

⁶ Histórias: Livro II - Euterpe; Heródoto de Halicarnasso; Relato de um sacerdote egípcio sobre o embate entre forças assírias e egípcias; 484-425 a.C.; Livro II - Euterpe, pág. 107-108.

da cidade de Jerusalém em 70 d.C., causada por uma grande revolta dos judeus contra o domínio romano. Apesar desse autor ser um judeu da antiga província romana da Judeia, Josefo desenvolveu sua obra a partir de uma construção literária baseada no pensamento helenístico da época (PENA, 2011, p. 2-5).

Esse documento foi escrito no final do século I d.C., provavelmente na cidade de Roma (capital do império romano) pelo escritor Flávio Josefo, que foi um dos líderes rebeldes da Revolta dos Judeus contra os Romanos (66-73 d.C.). Nesse conflito Josefo foi aprisionado e levado para essa cidade, onde anos depois acabou ganhando a liberdade e conseguindo a cidadania romana. Nesse centro urbano ele buscou latinizar seu nome e tornou-se um escritor sob patronagem da dinastia flaviana, destacando-se os imperadores Vespasiano e Tito. Desse modo, Josefo recebeu o patrocínio financeiro necessário para escrever suas obras (NASCIMENTO, 2008, p. (9-11).

O estilo literário de Antiquidades Judaicas segue a mesma composição encontrada nos livros de Reis e Crônicas, com uma mescla de narrativas teológicas e históricas. Porém, segundo Nascimento (2008), ele adiciona um acréscimo de um estilo literário mais helenizado, influenciado pelo meio sociocultural no qual esse autor judeu estava inserido durante a sua estadia na cidade de Roma. Dessa maneira, apesar do seu caráter religioso, a obra de Flávio Josefo mostra um enfoque bastante significativo nas ações humanas dos personagens e suas consequências, da mesma forma como ocorre nas narrativas de outros autores clássicos, como Arriano, Ápio, Heródoto, Tácito, Tucídides, Lívio e Políbio (NASCIMENTO, 2008, p. 83).

Assim, segundo Momigliano (2004), Josefo trás da antiga historiografia grega características bem marcantes desse estilo literário, como a constante preocupação de registrar de modo qualitativo suas informações. Sendo que sua tarefa se pauta na crescente necessidade de guardar a memória dos fatos passados que foram mais importantes, geralmente ligados a questões militares, políticas ou religiosas. Buscando expor tais acontecimentos de uma forma mais verossímil, confiável e atrativa (MOMIGLIANO, 2004, 37-39).

Outro aspecto marcante da antiga historiografia grega, e que possui forte influência de Heródoto na obra de Josefo, trata-se da inquietação do historiador em relação a preservação da memória. Pois “o historiador fará a memória, não deixará o tempo apagá-la, levá-la ao esquecimento” (NASCIMENTO, 2008, p. 84). Dessa forma, Flávio Josefo possui um cuidado em proteger a memória da sua própria cultura judaica, com grande parte das suas características e tradições. Além disso se propõe a por um fim no que ele chama de

“antijudaísmo” presente entre os gregos, o qual é constantemente mencionado no fim de boa parte dos capítulos (NASCIMENTO, 2008, 84-85).

Em relação as fontes utilizadas para a composição do livro, Flávio Josefo informa no prefácio da sua obra que Antiquidades Judaicas foi desenvolvida a partir da consulta a diversos documentos. Entre eles se destacam os textos canônicos hebraicos, as tradições culturais rabínicas, registros reais de Estado e outras obras. Com o próprio Josefo apenas mencionando algumas delas durante o percurso da narrativa, como ocorre em relação a obra do antigo historiador babilônico Beroso (século III a.C.), a qual nenhuma versão desse registro chegou até nosso tempo (PENA, 2011, p. 18-19).

Dessa maneira, a obra de Flávio Josefo contribuiu nessa pesquisa como uma fonte de informações baseada de acordo com o pensamento helenístico sobre o desfecho do ataque assírio a cidade de Jerusalém (701 a.C.). De modo, que seu conteúdo fornece um registro bastante pertinente em relação ao fim da expedição militar do rei Senaqueribe na região do Levante. Além das possíveis causas que levaram esse monarca a encerrar precocemente o cerco contra a cidade de Jerusalém sem ter conquistado esse centro urbano e nem deposto Ezequias, o rei de Judá (EVANS, 2008, p. 89-92).

A seguir se encontra disponível a narrativa contida na obra de Flávio Josefo sobre a Terceira Campanha de Senaqueribe e seu ataque contra Jerusalém:

“Livro Décimo

Capítulo 1: Senaqueribe, rei da Assíria, entra com um grande exército no Reino de Judá, faltando à palavra ao rei Ezequias, que lhe entregara uma grande soma de dinheiro para obrigá-lo a se retirar. Senaqueribe vai fazer guerra no Egito e deixa Rabsaqué, seu lugar-tenente sitiá Jerusalém. O profeta Isaías garante a Ezequias o auxílio de Deus. Senaqueribe volta do Egito sem ter feito lá progresso algum.

411. 2 Reis 18. No décimo quarto ano do reinado de Ezequias, rei de Judá, Senaqueribe, rei da Assíria, entrou no reino com um exército poderoso e, após tomar todas as outras cidades das tribos de Judá e de Benjamim, marchou contra Jerusalém. Ezequias, por meio de embaixadores, ofereceu-se para cumprir quaisquer condições que o rei da Assíria lhe impusesse e para lhe servir como tributário. O soberano aceitou a oferta e prometeu com juramento retirar-se para o seu país sem qualquer ato hostil, contanto que lhe fossem pagos trinta talentos de ouro e trezentos talentos de prata. Ezequias, confiando na palavra de Senaqueribe, esvaziou todos os seus tesouros, a fim de poder enviar-lhe aquela soma, na esperança de ter paz. Senaqueribe, todavia, depois de receber o dinheiro, não manteve a palavra e, enquanto marchava em pessoa contra os egípcios e os etíopes, deixou Rabsaqué, seu lugar-tenente e general, com numerosas tropas, auxiliado pelos seus chefes principais, dois generais, de nome Tartã e Rabe-Saris, para continuar na Judéia a guerra que lá havia começado. Esse general aproximou-se de Jerusalém e mandou chamar Ezequias, a fim de conferenciarem. Mas o príncipe, desconfiando dele, contentou-se em mandar-lhe três servidores da maior confiança: Eliaquim, mordomo-mor do palácio, Sebna, secretário, e Joá, intendente dos registros. Disse Rabsaqué, em presença de todos os oficiais de seu exército: "Voltai a vosso amo e

dizei-lhe que Senaqueribe, o grande rei, pergunta em quem ele confia para recusar receber o seu exército em Jerusalém. Se for no auxílio dos egípcios, é de se dizer que ele perdeu o juízo e que se parece com quem se apoia num caniço, o qual, em vez de sustentá-lo, quebrar-se-á, ferindo-lhe as mãos. Quanto ao mais, saiba ele que é por ordem de Deus que o rei empreendeu esta guerra, e assim, o resultado será como o daquela que fez aos israelitas, e ele se tornará do mesmo modo senhor desses dois reinos". Rabsaqué falava em hebreu, que conhecia muito bem. Eliaquim, temendo que os colegas se assustassem, pediu-lhe que falasse em siríaco. Rabsaqué, porém, deduzindo facilmente com que fim era feito aquele pedido, continuou a falar em hebreu: "Agora que não podeis ignorar a vontade do rei e quanto vos importa a ela vos submeterdes, por que demorais em nos receber em vossa cidade? Por que continua o vosso senhor, e vós com ele, a enganar o povo com vãs e loucas esperanças? Se vos julgais bastante fortes para nos poder resistir, mostrai-no-lo, opondo dois mil de vossos cavaleiros ao mesmo número que eu farei avançar de nosso exército. Mas como poderíeis fazê-lo, se não os tendes? E por que vos demorais em vos submeterdes àqueles aos quais não podeis resistir? Acaso ignorais a vantagem de fazer voluntariamente o que não é possível evitar e o grande perigo que é esperar ser a isso obrigado pela força?"

2 Reis 19, Essa resposta pôs o rei Ezequias em tal aflição que ele deixou as vestes reais para se revestir de um saco, segundo o costume de nossos pais. Prostrou-se com o rosto em terra e rogou a Deus que o ajudasse naquela contingência, em que não podia esperar outro socorro senão o dEle. Mandou alguns de seus principais oficiais e sacerdotes rogarem ao profeta Isaías que oferecesse a Deus sacrifícios e lhe pedisse para ter compaixão de seu povo e abater o orgulho que dava aos inimigos tão grandes esperanças. O profeta fez o que ele desejava e logo depois, por uma revelação de Deus, disse-lhe que nada temesse, garantindo que Deus confundiria de maneira estranha a ousadia daqueles bárbaros, e eles se retirariam voluntariamente, sem combater. A isso acrescentou que o rei dos assírios, até então temível, seria assassinado pelos seus, em seu próprio país, ao regressar da guerra do Egito, cujo resultado lhe seria desfavorável. Nesse mesmo tempo, o rei Ezequias recebeu cartas daquele soberano, pelas quais lhe dizia que ele, Ezequias, parecia ter perdido o juízo, para persuadir-se de poder isentar-se da submissão ao vencedor de tão poderosas nações, e ameaçava exterminá-lo com todo o seu povo se ele não abrisse às suas tropas as portas de Jerusalém. A firme confiança que Ezequias tinha em Deus levou-o a desprezar essa carta. Então dobrou-a, colocou-a no Templo e continuou as suas orações a Deus. O profeta mandou dizer-lhe que elas haviam sido ouvidas por Deus, que nada devia temer das armas assírias e que logo ele e todos os seus súditos ver-se-iam em condições de poder cultivar em completa paz as terras que a guerra os obrigara a abandonar. Senaqueribe estava na ocasião ocupado com o cerco de Pelusa, no qual já gastara muito tempo. E, no momento em que as plataformas se elevaram à altura das muralhas e ele estava para dar o assalto, foi avisado de que Targise, rei da Etiópia, marchava com um poderoso exército em auxílio dos egípcios e vinha pelo deserto, para surpreendê-lo. Ele então levantou o cerco e retirou-se. Heródoto, falando de Senaqueribe, diz que ele fazia guerra ao sacerdote de Vulcano (é assim que ele chama o rei do Egito, que era sacerdote dessa falsa divindade). E acrescenta que o que o obrigou a levantar o cerco de Pelusa foi que, tendo aquele rei e sacerdote implorado o auxílio de seu deus, veio à noite uma tão grande quantidade de ratos ao exército do rei dos árabes (no que esse historiador se engana, pois devia dizer "dos assírios") que as cordas dos arcos foram roídas e todas as outras armas ficaram inutilizadas. Isso o obrigou a levantar o cerco. Berose, que escreveu a história dos caldeus, também faz menção a Senaqueribe. Diz que ele era rei dos assírios e fez guerra em toda a Ásia e no Egito. Assim ele fala.

Capítulo 2: Uma peste enviada por Deus mata numa só noite cento e oitenta e cinco mil homens do exército de Senaqueribe, que sitiava Jerusalém. Isso o obriga a levantar o cerco e voltar ao seu país, onde é assassinado por seus filhos.

41 2. Diz ele: "Senaqueribe encontrou ao seu regresso do Egito o seu exército diminuído de cento e oitenta e cinco mil homens, por causa de uma peste enviada por Deus na primeira noite, quando ele começava o ataque a Jerusalém, sob o

comando de Rabsaqué. Ele ficou tão impressionado que, com medo de perder ainda o que lhe restava, retirou-se a toda pressa para Nínive, capital de seu reino, onde pouco tempo depois Adrameleque e Sarezer, seus dois filhos mais velhos, assassinaram-no no templo de Nisroque, seu deus. O povo sentiu tanto horror que os expulsou. Eles fugiram para a Armênia, e Esar-Hadom, o mais jovem de seus filhos, sucedeu-o"⁷.

3.5 AS PERSPECTIVAS DAS FONTES EMPÍRICAS SOBRE O DESFECHO DO ATAQUE ASSÍRIO A CIDADE DE JERUSALÉM (701 A.C.)

A partir da análise das fontes, percebe-se que o ataque assírio a cidade de Jerusalém ocorrido em 701 a.C, possui suas raízes na tentativa de revolta do rei Ezequias do Reino de Judá⁸. A qual foi facilitada pela ascensão turbulenta do rei Senaqueribe ao trono do Império Assírio (705 a.C). Após a subida ao trono, o monarca assírio enfrentou diversas tentativas de movimentos separatistas nas províncias imperiais, como na Babilônia, Síria e Filístia e a negação do pagamento de tributos de vários estados vassallos, como os fenícios, o Reino de Elam e o Reino de Judá.

Nesse último caso, o rei hebreu Ezequias, segundo o texto bíblico, realiza diversos preparativos defensivos no seu reino, como a obstrução de fontes e poços de água potável e reformas das fortificações da cidade de Jerusalém, sua capital⁹. Dessa forma, ele buscava dificultar o máximo possível o ataque das forças assírias ao seu reino. Porém, a superioridade militar assíria obteve bastante êxito contra as cidades fortificadas dos hebreus, sobre as quais os assírios conquistaram aproximadamente 46 cidades e aldeias, de acordo com os Anais Reais Assírios¹⁰.

Depois de ter boa parte do seu reino devastado por Senaqueribe, Ezequias envia mensageiros e tenta negociar a paz com o monarca assírio, segundo o texto bíblico. Sendo que o rei Senaqueribe aceita a oferta de paz sob a condição de que o rei hebreu pague um

⁷ História dos Hebreus: Antiguidades Judaicas; Flávio Josefo; Capítulo 1: Senaqueribe, rei da Assíria, entra com um grande exército no Reino de Judá, faltando à palavra ao rei Ezequias, que lhe entregara uma grande soma de dinheiro para obrigá-lo a se retirar. Senaqueribe vai fazer guerra no Egito e deixa Rabsaqué, seu lugar-tenente sitiá-la Jerusalém. O profeta Isaías garante a Ezequias o auxílio de Deus. Senaqueribe volta do Egito sem ter feito lá progresso algum. Capítulo 2: Uma peste enviada por Deus mata numa só noite cento e oitenta e cinco mil homens do exército de Senaqueribe, que sitiava Jerusalém. Isso o obriga a levantar o cerco e voltar ao seu país, onde é assassinado por seus filhos; 93-94 d.C.; Livro Décimo: Capítulos 1-2, pág. 465-467.

⁸ II Reis; Versão King James Fiel; Senaqueribe invade Judá; 1611 d.C.; II Reis, cap. 18.7.

⁹ II Crônicas; Versão King James Fiel; Senaqueribe invade Judá, e Deus destrói o seu exército; 1611 d.C.; II Crônicas, cap. 32.3-5.

¹⁰ Prisma do Instituto Oriental; Senaqueribe; Terceira Campanha Militar; 689 a.C.; Coluna III - linhas 19-26.

exorbitante resgate de trinta talentos de ouro e trezentos talentos de prata, de acordo com os Anais Reais Assírios¹¹ e o texto bíblico¹².

Porém, segundo Josefo (93-94), mesmo realizando o pagamento, Senaqueribe não recua de volta para a sua terra natal e continua seu avanço em direção a cidade de Jerusalém, a capital do reino hebreu. Sendo que as tropas assírias param no caminho que leva a cidade, enquanto que apenas embaixadores assírios chegam aos portões de Jerusalém e tentam negociar a capitulação da cidade com os emissários de Ezequias. Mas as negociações falham e os assírios passaram a ameaçar toda a população de Jerusalém, buscando usar isso como uma arma psicológica¹³.

Assim, tem início os preparativos para iniciar o cerco a Jerusalém e começar os ataques as suas defesas. Mas deve-se ressaltar que não foi um cerco tradicional, segundo Luckenbill (1924), as condições topográficas da cidade de Jerusalém, posicionada no cume de um outeiro que está cercado por dois vales, oferecia muitas desvantagens para os atacantes. Desse modo, os assírios buscaram bloquear as estradas e os caminhos que davam acesso a capital dos hebreus, tentando impossibilitar qualquer ajuda ou reforço militar e de suprimentos (LUCKENBILL, 1924, p. 40-42).

Porém, de acordo com o texto bíblico (1611), enquanto os assírios realizavam seus preparativos para a ofensiva, chega a notícia de um avanço militar dos egípcios¹⁴. O qual é prontamente respondido por uma mobilização das tropas assírias lideradas pelo rei Senaqueribe. Sendo que, segundo Heródoto (século V a.C.), ambas as forças se enfrentam em Elteque, lugar próximo da fronteira entre a Palestina e a península do Sinai¹⁵.

Deve ser ressaltado, que essa batalha demonstra traços de um empate entre as forças assírias e egípcias, pois nenhuma conseguiu suplantar o poderio militar do seu adversário. Apesar disso, tanto os registros assírios¹⁶, como a narrativa dos egípcios¹⁷, reclamam a vitória para o seu lado, nesse embate que ocorreu entre essas duas potências bélicas locais.

¹¹ Prisma do Instituto Oriental; Senaqueribe; Terceira Campanha Militar; 689 a.C.; Coluna III - linhas 41-42.

¹² II Reis; Versão King James Fiel; Senaqueribe invade Judá; 1611 d.C.; II Reis, cap. 18:14.

¹³ História dos Hebreus: Antiguidades Judaicas; Flávio Josefo; Capítulo 1: Senaqueribe, rei da Assíria, entra com um grande exército no Reino de Judá, faltando à palavra ao rei Ezequias, que lhe entregara uma grande soma de dinheiro para obrigá-lo a se retirar. Senaqueribe vai fazer guerra no Egito e deixa Rabsaqué, seu lugar-tenente sitiá-lo em Jerusalém. O profeta Isaías garante a Ezequias o auxílio de Deus. Senaqueribe volta do Egito sem ter feito lá progresso algum; 93-94 d.C.; Livro Décimo: Cap. 1, pág. 465-466.

¹⁴ II Reis; Versão King James Fiel; Senaqueribe invade Judá; 1611 d.C.; II Reis, cap. 19:09.

¹⁵ Histórias: Livro II - Euterpe; Heródoto de Halicarnasso; Relato de um sacerdote egípcio sobre o embate entre forças assírias e egípcias; 484-425 a.C.; Livro II - Euterpe, pág. 107.

¹⁶ Prisma do Instituto Oriental; Senaqueribe; Terceira Campanha Militar; 689 a.C.; Coluna III – linha 18.

¹⁷ Histórias: Livro II - Euterpe; Heródoto de Halicarnasso; Relato de um sacerdote egípcio sobre o embate entre forças assírias e egípcias; 484-425 a.C.; Livro II - Euterpe, pág. 107.

Enquanto isso, o cerco a cidade de Jerusalém continuava, com o próprio rei Senaqueribe registrando nos seus Anais Reais que mantinha o rei hebreu Ezequias preso na sua capital (Jerusalém) como um pássaro preso na gaiola¹⁸. Tal expressão é compreendida por Luckembill (1924), Grabbe (2003) e Evans (2008), como uma prova de que o monarca assírio não só continuou com o cerco como também tinha intenções de realizar uma completa conquista, destruir a cidade, capturar seus moradores e o rei hebreu (EVANS, 2008, 52-53).

Porém, as tropas assírias levantam o cerco e retornam a sua terra natal, na Alta Mesopotâmia, sem terminar o ataque e conquistar a cidade de Jerusalém. Nesse sentido, quando comparamos as fontes, cada uma delas oferece uma explicação para esse fim abrupto da campanha assíria. Heródoto (séc. V a.C.) menciona uma combinação de infestação de roedores no acampamento assírio que causou muitos problemas para as tropas de Senaqueribe. Sendo que essa situação, juntamente ao ataque dos egípcios, forçou esse monarca assírio a realizar um levantamento prematuro do cerco, antes de ter mais perdas entre suas forças militares¹⁹.

Já os textos bíblicos (1611), trazem a perspectiva de que o ataque assírio foi parado por causa de uma intervenção divina. O rei Ezequias e o profeta Isaías oraram e suplicaram a Deus e ele enviou um anjo que atacou e destruiu as tropas militares assírias²⁰. Mas, segundo Luckenbill (1924), deve ser ressaltado que essa é uma explicação religiosa e própria da cultura dos hebreus, pois eles não deviam saber o que estava acontecendo no acampamento assírio e por isso deram essa explicação divina, com objetivo de ter um melhor entendimento sobre o fato ocorrido (LUCKENBILL, 1924, p. 49-50).

Já a obra de Josefo, informa que a causa do fim do cerco à cidade de Jerusalém foi motivada por uma pestilência que assolou o acampamento assírio, levando uma parcela significativa das tropas a óbito²¹. Porém, esse autor não narra detalhes sobre essa peste que afetou as tropas assírias, nem menciona mais informações e características particulares dessa possibilidade de praga. Apesar dessas diferenças narrativas sobre esse acontecimento, torna-se

¹⁸ Prisma do Instituto Oriental; Senaqueribe; Terceira Campanha Militar; 689 a.C.; Coluna II - linhas 37-82 e Coluna III – linha 27.

¹⁹ Histórias: Livro II - Euterpe; Heródoto de Halicarnasso; Relato de um sacerdote egípcio sobre o embate entre forças assírias e egípcias; 484-425 a.C.; Livro II - Euterpe, pág. 107.

²⁰ II Reis; Versão King James Fiel; Senaqueribe invade Judá; 1611 d.C.; II Reis, cap. 19:35.

²¹ História dos Hebreus: Antiguidades Judaicas; Flávio Josefo; Capítulo 2: Uma peste enviada por Deus mata numa só noite cento e oitenta e cinco mil homens do exército de Senaqueribe, que sitiava Jerusalém. Isso o obriga a levantar o cerco e voltar ao seu país, onde é assassinado por seus filhos; 93-94 d.C.; Livro Décimo: Cap. 2, pág. 466.

possível desenvolver uma hipótese a partir das informações disponíveis pelas fontes utilizadas.

Levando em conta o relato de que roedores trouxeram graves problemas ao acampamento assírio, como menciona Heródoto (séc. V a.C.), juntamente a rápida devastação ocasionada pela intervenção divina, relatada pelos textos bíblicos (1611 d.C.) e unido a propagação violenta, ocasionada pela pestilência relatada por Flávio Josefo (93-94 d.C.). Torna-se possível fazer uma conjectura, segundo Evans (2008), na qual as tropas assírias foram atingidas por uma pestilência originada por roedores que acompanhavam o acampamento assírio. Sendo que tal doença teve uma rápida propagação que afetou todos os níveis do exército assírio, forçando as tropas a levantarem precocemente o cerco a cidade de Jerusalém e recuarem rapidamente (EVANS, 2008, p. 61-63).

Porém, deve ser ressaltado que as possibilidades do que realmente tenha acontecido se mantêm abertas. Pois ainda não há um consenso pleno nos círculos acadêmicos do que realmente ocorreu. Assim, a única certeza disponível e amplamente aceita entre as três gerações de pesquisadores que já se debruçaram sobre essa temática (em cento e setenta anos de pesquisa), é que algo inesperado aconteceu, em um curto espaço de tempo, que fez os assírios levantarem o cerco contra Jerusalém. Sendo que tal decisão de recuo de um cerco iniciado é inusitada e incomum na história militar do império Assírio.

CONCLUSÕES

Com base nas análises realizadas e na comparação dos documentos disponíveis, foi possível chegar a algumas considerações sobre o fato estudado. Inicialmente não há possibilidades de negar a devastação causada no Reino de Judá pelas forças militares assírias, as quais deixaram um grande rastro de conquistas marcadas por muita violência, principalmente na fértil planície da Sefelá. Também deve ser atestado a ausência de evidências arqueológicas que comprovem a captura da cidade de Jerusalém pelos assírios no final do século VIII a.C., comprovando que houve um cerco das forças assírias, porém as tropas não tentaram e nem conseguiriam conquistar a cidade.

Além disso, a hipótese da ocorrência de duas campanhas de Senaqueribe contra o reino de Judá não possui respaldo arqueológico, tendo poucas e incertas possibilidades nas fontes disponíveis. De modo que nenhum dos documentos afirma ter ocorrido duas expedições distintas. Sendo que tais teorias se baseiam unicamente em partes isoladas de algumas fontes e na existência de algumas lacunas e incoerências cronológicas presentes. As quais se tornam compreensíveis de acordo com o objetivo pelo qual cada fonte foi produzida.

Em relação as fontes, deve ser ressaltado que todas possuem seu grau de parcialidade, consistindo que cada um dos documentos foi produzido com uma finalidade específica e sem a necessidade de relatar exatamente o que ocorreu. Assim, pode-se entender que os Anais Reais Assírios (689 a.C.) trata-se de uma propaganda política do governo de Senaqueribe, no qual há uma omissão das suas derrotas e possíveis problemas enfrentados nas suas campanhas no Levante (701 a.C.). Já os textos bíblicos (1600 d.C.), trazem uma perspectiva mais voltada ao caráter religioso dos hebreus e como eles tentaram compreender o inesperado recuo das forças assírias de Jerusalém a partir da explicação de uma intervenção divina.

No caso de Heródoto (séc. V a C.), tem-se uma possibilidade de uma fonte independente das informações registradas nos Anais Reais Assírios e nos textos bíblicos. Sendo que essa fonte trás a perspectiva dos antigos egípcios sobre a Terceira Campanha de Senaqueribe na região do Levante (701 a.C.), como ela afetou a sociedade egípcia e como ocorreu seu fim. Em relação a obra de Flávio Josefo (93-94 d.C.), pode-se observar que o autor trás uma visão sobre esse ataque de Senaqueribe a partir de uma explicação mais helenizada (informando que houve uma intervenção divina, mas que essa aconteceu por um meio natural) trazendo uma possibilidade de uma pestilência ter se alastrado pelas tropas assírias, causando muitos problemas.

Apesar das diferenças, as fontes disponíveis possuem um amplo conjunto de similaridades. Entre elas se encontram a revolta de Ezequias contra o domínio assírio, a invasão de Senaqueribe e suas conquistas no reino de Judá, o valor do tributo pago por Ezequias, a continuação da campanha assíria em Judá, o cerco de Jerusalém. Além do choque entre as forças militares assírias e egípcias próximo a Península do Sinai, o inesperado levantamento do cerco assírio contra Jerusalém, o recuo das tropas assírias de volta para a Alta Mesopotâmia e a permanência de Ezequias no trono de Judá.

Mas, também deve ser ressaltado que mesmo as fontes possuindo divergências em relação ao desfecho do ataque a Jerusalém, todas concordam, menos os Anais Reais Assírios, de que durante o cerco houve um contratempo no acampamento assírio. Sendo que tal imprevisto levou as forças militares assírias a levantarem repentinamente o estado de sítio contra Jerusalém e recuarem de volta para a sua terra natal. Porém, ainda não há um consenso dentro da academia sobre o que realmente aconteceu para essa súbita mudança de ação dos assírios.

Portanto, torna-se possível chegar a algumas conclusões cabíveis e respaldadas por meio das pesquisas desenvolvidas pelas três gerações de estudiosos que se debruçaram sobre essa temática e a análise das perspectivas oferecidas pelas fontes. Observa-se que durante a conclusão do cerco à Jerusalém ocorreu algo inesperado no acampamento militar assírio, que afetou a maior parte das tropas. Sendo que tal acontecimento trouxe diversos problemas e um elevado grau de mortandade, ocorrido de um modo rápido, e em um pequeno espaço de tempo, com a maioria das fontes citando que ocorreu em uma madrugada. Fazendo com que as forças militares restantes assírias realizassem o encerramento do cerco da cidade e recuassem com todas as suas forças. De modo que dentro dos estudos sobre a história militar dos assírios, essa situação tornou-se incomum e inédita. Porém, ainda não se tem uma resposta conclusiva sobre o que realmente tenha acontecido, pois qualquer fato histórico está passível de novas interpretações.

REFERÊNCIAS

AHARONI, Yohanan. et. al. **Atlas Bíblico**. [S.l.]: CPAD, 1999.

AHARONI, Yohanan. **The Land of the Bible: A Historical Geography**. Filadélfia: The Westminster Press, 1979.

ALBRIGHT, William Foxwell. "New Light from Egypt on the Chronology and the History of Israel and Judah". *Bulletin of the American Schools of Oriental Research* 130, 1953, pp. 8-11.

ALTER, Robert, KERMODE, Frank (orgs.). **Guia Literária da Bíblia**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 1997.

BEGG, Christopher. "Sennacherib's Second Palestinian Campaign": An Additional Indication. *Journal of Biblical Literature*, [S.l.]: The Society of Biblical Literature, vol. 106, No. 4, Dec., 1987, pp. 685-686. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3260827>>. Acesso em 18 de maio de 2018.

BEN-SASSON, H. H. (Org.). **Historia del pueblo judío: 1. Desde los Orígenes hasta La Edad Media**. [S.l.]: Alianza Editorial, 1991.

BEN ZVI, Ehud. **Who Wrote the Speech of Rabshakeh and When?** *Journal of Biblical Literature*, [S.l.]: The Society of Biblical Literature, vol. 109, No. 1, spring, 1990, pp. 79-92. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3267330>>. Acesso em 4 de junho de 2020.

BERLIN, Adele, BRETTLER, Marc Zvi, editores. **The Jewish Study Bible: featuring The Jewish Publication Society TANAKH Translation**. New York: Oxford University Press, 2004.

JAIME I. **Bíblia King James Version 1611**. Londres (EN): Cambridge Edition, 1900.

BOROWSKI, Oded. **Hezekiah's Reforms and the Revolt against Assyria. The Biblical Archaeologist**, [S.l.]: The American Schools of Oriental Research, vol. 58, No. 3, Sep., 1995, pp. 148-155. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3210447>>. Acesso em 15 de outubro de 2018.

BRIGHT, John. **História de Israel**. São Paulo: Paulus, 2003.

CARDOSO, Ciro Flamarion et al. **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, v. 1, n. 997, p. 508, 1997.

CARDOSO, Ciro Flamarion Santana; VAINFAS, Ronaldo. **Novos domínios da história**. Elsevier, 2012.

CAZELLES, Henri. **História política de Israel: desde as origens até Alexandre Magno**. São Paulo: Edições Paulinas, 1986.

CHILDS, Brevard S. **Isaiah and the Assyrian Crisis**. Londres: SCM Press Ltd, 1976.

CHILDS, Brevard S. **Isaiah: a commentary**. Louisville: Westminster John Knox Press,

2000. (The Old Testament Library).

CLEMENTS, Ronald E. **Isaiah and the Deliverance of Jerusalem**. Sheffield: JSOT Press, 1984.

COGAN, Mordechai; TADMOR, Hayim. **II Kings: a new translation with introduction and commentary**. New Haven: Yale University Press, 2008. (The Anchor Yale Bible).

COHEN, Chaim. **Neo-Assyrian Elements in the First Speech of the Biblical Rab-šāqê**. In: Israel Oriental Studies IX. Tel Aviv: Tel-Aviv University, 1979, pp. 33-48. Disponível em: <<http://ericlevy.com/Revel/Kings/Cohen%20C%20NeoAssyrian%20Elements%20in%201st%20Speech%20of%20RabSaqe.PDF>>. Acesso em 11 de setembro de 2018.

COHN, Robert L. **2 Kings. Berit Olam: Studies in Hebrew Narrative & Poetry**, Colleagueville: The Liturgical Press, 2000.

DOUGHERTY, Raymond P. **Sennacherib and the Walled Cities of Judah**. Journal of Biblical Literature, [S.l.]: The Society of Biblical Literature, vol. 49, No. 2, 1930, pp. 160-171. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3259107>>. Acesso em 28 de fevereiro de 2018.

EVANS, Paul S. **Prolegomena to the Use of 2 Kings 18-19 in the Historical Reconstruction of Sennacherib's 701 B.C.E. Invasion into Judah**. Tese (Doutorado de Filosofia em Teologia) – University of St. Michael's College, Toronto, 2008.

FRITZ, Volkmar. **1 e 2 Kings: a continental commentary**. Minneapolis: Fortress Press Minneapolis, 2003.

FULLERTON, Kemper. **Isaiah's Attitude in the Sennacherib Campaign**. The American Journal of Semitic Languages and Literatures, [S.l.]: The University of Chicago Press, vol. 42, No. 1, Oct., 1925, pp. 1-25. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/528476>>. Acesso em 2 de março de 2020.

GALLAGHER, William R. **Sennacherib's Campaign to Judah: New Studies. Studies in the History and Culture of the Ancient Near East**. Leiden; Boston: Brill, 1999.

GEYER, John B. **2 Kings XVIII 14-16 and the Annals of Sennacherib. Vetus Testamentum**, [S.l.]: BRILL, vol. 21, Fasc. 5, Dec., 1971, pp. 604-606. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1517079>>. Acesso em 22 de abril de 2018.

GONCALVES, Francolino J. **L'expédition de Sennacherib en Palestine dans la littérature hébraïque ancienne. Etudes bibliques 7**; Louvain-la-Neuve: Institut Orientaliste de l'Université catholique de Louvain. Paris: Gabalda, 1986.

GONÇALVES, Francolino. **Senaquerib na Palestina e a tradição bíblica**. Da grande derrota de Judá à maravilhosa salvação de Jerusalém. [S.l.]: Separata de didaskalia, Vol. XX, 1990.

GRABBLE, Lester L. (Ed.) **Like a Bird in a Cage: The Invasion of Sennacherib in 701 B.E.C.** In: *Journal for the Study of the Old Testament Supplement Series* 363; European Seminar in Historical Methodology 4. Londres, Nova Iorque: T & T Clark International, 2003.

HERÓDOTO, E-book. **História: Heródoto (484 A.E.C. - 425 A.E.C.)**. Ed. eBooksBrasil, 2006.

HONOR, Leo Lazarus. **Sennacherib's Invasion of Palestine: A Critical Source Study. Contributions to Oriental History and Philology 12**. New York: Columbia, 1926.

HOUSE, Paul R. **The New American Commentay: 1, 2 Kings**. Nashville: Broadman & Holman Publishers, vol. 8, 1995.

JAPHET, Sara. **I e II Chronicles: a commentary**. Louisville: Westminster John Knox Press, 1993.

JENKINS, A. K. **Hezekiah's Fourteenth Year: A New Interpretation of 2 Kings XVIII 13-XIX 37. Vetus Testamentum**, [S.l.]: BRILL, vol. 26, Fasc. 3, Jul., 1976, pp. 284-298. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1517299>>. Acesso em 09 de março de 2019.

JESUS, Carolina Alvino Fortes de. **Senaqueribe em Judá: uma análise das fontes bíblicas e extrabíblicas**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. 2015.

JOSEFO, Flavio. **História dos hebreus**. Clube de Autores, 2020.

KIM, Yoo-Ki. In **Search of the Narrator's Voice: A Discourse Analysis of 2 Kings 18: 13-16**. *Journal of Biblical Literature*, [S.l.]: The Society of Biblical Literature, vol. 127, No. 3, fall, 2008, pp. 477-489. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/25610134>>. Acesso em 23 de maio de 2020.

KRIWACZEK, Paul. **Babilônia: a Mesopotâmia e o nascimento da civilização**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2018.

KOTLER, Carmia. **A Escrita Histórica nos Livros de Reis e Crônicas**. *Revista Vértices*, São Paulo: Revista dos Pós-Graduandos da Área de Hebraico do Programa de Pós-Graduação em Estudos Judaicos e Estudos Árabes do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, No. 13, 2012.

KOTLER, Carmia. **O Reino de Judá na época de Ezequias a luz das descobertas epigráficas**. 2009. Dissertação (Mestrado em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaicas) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8152/tde-19022010-121914/>>. Acesso em 02 de fevereiro de 2019.

KRAELING, Emil G. **The Death of Sennacherib**. *Journal of the American Oriental Society*, [S.l.]: American Oriental Society, vol. 53, No. 4, Dec., 1933, pp. 335-346. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/594216>>. Acesso em 26 de maio de 2018.

LAATO, Antti. **Assyrian Propaganda and the Falsification of History in the Royal Inscriptions of Sennacherib**. *Vetus Testamentum*, [S.l.]: BRILL, vol. 45, Fasc. 2, Apr.,

1995, pp. 198-226. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1535132>>. Acesso em 16 de outubro de 2020.

LÉVÊQUE, Pierre. **As primeiras civilizações: Os impérios do bronze**. Vila Nova de Gaia: Edições 70, 2009.

LUCKENBILL, Daniel David. **The Annals of Sennacherib**. [S.l.]: The University of Chicago Press, 1924.

MAZAR, Amihai. **Arqueologia na Terra da Bíblia: 10 000 – 586 a.E.C.** São Paulo: Paulinas, 2003.

MOMIGLIANO, Arnaldo. **História antiga e o antiquário**. Anos 90, v. 21, n. 39, p. 19-76, 2014.

MONTGOMERY, James A. **A Critical and Exegetical Commentary on the Book of Kings**. Edinburgh: T&T Clark, 1951. (The International Critical Commentary).

MYERS, Jacob M. **II Chronicles**. New Haven, Conn: Yale University Press, 2009. (The Anchor Yale Bible).

NA'AMAN, Nadav. **Hezekiah's Fortified Cities and the "LMLK" Stamps**. Bulletin of the American Schools of Oriental Research, [S.l.]: The American Schools of Oriental Research, No. 261, Feb., 1986, pp. 5-21. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1357061>>. Acesso em 28 de setembro de 2020.

NA'AMAN, Nadav. **Sennacherib's "Letter to God" on His Campaign to Judah**. Bulletin of the American Schools of Oriental Research, [S.l.]: The American Schools of Oriental Research, No. 214, Apr., 1974, pp. 25-39. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1356102>>. Acesso em 11 de outubro de 2019.

NA'AMAN, Navad. **Sennacherib's Campaign to Judah and the Date of the lmlk Stamps**. Vetus Testamentum, [S.l.]: BRILL, vol. 29, Fasc. 1, Jan., 1979, pp. 61-86. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1517315>>. Acesso em 9 de novembro de 2020.

NASCIMENTO, Samuel Martins. **A concepção de história em Flávio Josefo: "o judeu de Roma"**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Maringá. 2008.

NORIN, Stig. **An Important Kennicott Reading in 2 Kings XVIII 13**. Vetus Testamentum, [S.l.]: BRILL, vol. 32, Fasc. 3, Jul., 1982, pp. 337-338. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/1517922>>. Acesso em 30 de maio de 2018.

PENA, Joabson Xavier. **Flávio Josefo e a escrita da história**. Alétheia-revista de estudos sobre Antiguidade e Medieval, v. 1, p. 132, 2011. PINSKY, Carla Bassanezi. Fontes históricas. Editora Contexto, 2005.

RAWLINSON, George. **The Five Great Monarchies of the Ancient Eastern World**. New York: Dodd, 1964.

RAWLINSON, Henry. "**Outlines of Assyrian History, Collected from the Cuneiform Inscriptions.**" XXIVTH Annual Report of the Royal Asiatic Society, XXVLVI, 1852.

RENSBURG, Hanré Janse Van. **The attack on Judah in Sennacherib's Third Campaign: An ideological study of the various texts.** 2005. Dissertação (Masters in Ancient Languages and Cultures) – The Faculty of Human Sciences, University of Pretoria, [S.l.], 2005.. Disponível em: <<http://upetd.up.ac.za/thesis/available/etd-10042005-115528/unrestricted/00dissertation.pdf>>. Acesso em 22 de fevereiro de 2020.

ROCHA, Ivan Esperança. LIVERANI, Mario. **Antigo Oriente: história, sociedade e economia.** Tradução de Ivan Esperança Rocha. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016. 2017.

RUSSELL, John Malcom. **Sennacherib's Lachish narratives.** In: Narrative and Event in Ancient Art. [S.l.]: Cambridge University Press, 1993.

SEITZ, Christopher R. "**Account A and the Annals of Sennacherib: A Reassessment**". Journal for the Study of the Old Testament 58, 1993, pp. 47-57.

SERRYN, Pierre; BLASSELLE, René. **Atlas Bordas géographique et historique.** Paris: Bordas, 1996.

SHEA, William H. **Sennacherib's Second Palestinian Campaign.** Journal of Biblical Literature, [S.l.]: The Society of Biblical Literature, vol. 104, No. 3, Sep., 1985, pp. 401-418. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3260921>>. Acesso em 15 de novembro de 2018.

STADE, Bernhard. "**Miscellen: Anmerkungen zu 2 K6. 15-21**". Zeitschrift für die alttestamentliche Wissenschaft 6, 1886, pp. 156-89.

STERN, Ephraim. **The New Encyclopedia of Archaeological Excavations in the Holy Land.** Jerusalém: The Israel Exploration Society, 1993.

TAKLA, Philippe Racy. **Desenvolvimento do esquema decorativo das salas do trono do período neoassírio (934-609 a.E.C.): imagem texto e espaço como veículos da retórica real.** 2008, vol. 1 e 2. Dissertação (Pós-Graduação em Arqueologia e Etnologia), Museu de Arqueologia e Etnografia, Universidade de São Paulo, vol. I e II. São Paulo, 2008.

USSISHKIN, David. **The renewed archaeological excavations at Lachish (1973-1994).** Tel Aviv: Emey and Claire Yass Publications in Archaeology - Tel Aviv University, 2004.

WELLHAUSEN, Julius. **Prolegomena to the History of Israel.** Atlanta: Scholars Press, 1994.

WISEMAN, Donald J. **1 and 2 Kings: an Introduction and Commentary.** Leicester: InterVarsity Press, 1993.

WRIGHT, G. Ernest. **Judean Lachish.** The Biblical Archaeologist, [S.l.]: The American Schools of Oriental Research, vol. 18, No. 1, Feb., 1955, pp. 9-17. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3209101>>. Acesso em 08 de abril de 2020.

WRIGHT, G. Ernest. **Lachish: Frontier Fortress of Judah**. *The Biblical Archaeologist*, [S.l.]: The American Schools of Oriental Research, vol. 1, No. 4, Dec., 1938, pp. 21- 30. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3209236>>. Acesso em 19 de outubro de 2019.

SITCHIN, Zecharia. **As Guerras de Deuses e Homens**. Simon e Schuster, 1992.